10 elebu #45

dezembro de 2009

#45

Apesar do lançamento em janeiro de 2010, considero essa edição de dezembro de 2009. Por essa razão não mudei a data da capa. São assuntos pertinentes ao ano que passou, como o Porão do Rock, vários dos lançamentos de discos e livros. Além do mais, o gráfico ainda diz respeito aos 10 anos do Elebu, que neste ano serão retirados e substituídos por um novo logo.

Para agilizar o lançamento, muitas coisas foram adiadas. Haveria uma matéria sobre a Érika Martins, com quadrinistas do alto escalão – como Fido Nesti – mais resenhas e etc. O problema é que precisei ser pragmática: entrou o que já estava pronto. Apesar de todos os contratempos, ficou uma edição bacana, que fechou 2009 muito bem.

No mais, o negócio agora é investir em organização e gerenciamento de tempo. Ficou muito chato o hiato entre as edições, e isso foi cobrado por algumas pessoas. Elas estavam erradas? De forma alguma. Aliás, até agradeço por todas as mensagens de "e o Elebu, cadê" que recebi.

Sobre esta edição, em específico, a capa é a Maria Gasolina. Não a espécie, mas a banda da Finlândia que faz um som muito bacana. Ela esteve presente nas páginas de alguns jornais e revistas brasileiras em 2009. Quando "descobri" a Maria Gasolina, fiquei impressionada não pela proposta, mas as soluções encontradas para conciliar o compasso da música em português com as influências do som finlandês. Nasceu um bicho diferente dessa mistura, um bem bonitinho.

Não dá para deixar de mencionar participações preciosas dos colaboradores Cristiano Bastos, Bruna Torres e a "da casa" Rúbia Cunha. Nem mesmo esquecer a ajuda fundamental da jornalista Guila Flint.

No mais, até a próxima que, espero eu, seja em março!

produção
Djenane Arraes

visual
Djenane Arraes

capa
Timo Wright

textos
Djenane Arraes
Rúbia Cunha
Bruna Torres
Washington Ribeiro
Cristiano Bastos

thanx
Lissu Lehtimaja
Guila Flint
Marcos Pinheiro
Érika Martins
Gabriel Thomaz

onde
http://elefantebu.blogspot.com
elefantebu@yahoo.com.br
www.twitter.com/elefantebu

sonoras
Caraivana
Maki & Takai
OBMJ

Maria Gasolina

Pato Fu

Guila Flint

Porão do Rock

Gia Carangi

Jornalismo de games

Autoramas

Chico Buarque

Smallville / Misfits

Atividade Paranormal / 2012

Melhores da década

um ano diferente

Com uma carreira solo bem-sucedida, o desafio de Fernanda Takai em 2010 será mostrar que o Pato Fu continua de pé e mais forte que nunca

Texto: Djenane Arraes
Foto: Izabella Peregrino

Mil perdões pela colocação, mas Fernanda Takai não tem muito a ver com sol nascente. Esta senhora (não resisti!) nasceu foi voltada para a lua, como se diria nos ambientes popularescos. Qual projeto profissional seu que não deu certo? Quando ela disse, aqui mesmo em entrevista ao Elebu, que iria lançar disco a vivo como manutenção de seu trabalho solo, jamais pensei que tal produto fosse ficar, de certa forma, superior ao disco que deu origem ao show. O DVD de *Luz Negra* ficou por quase três meses entre os 20 mais vendidos do país na lista do Hot100Brasil. Chegou a ficar na 5º colocação. Fernanda não colocou nenhuma canção entre as cem mais executadas na rádio (ano passado, *Diz Que Fui Por Aí* chegou a 60ª posição), mas se conseguiu um número expressivo de vendas, é porque o seu nome passou a ser forte no mercado.

Fernanda ainda se deu o luxo de fazer pequenos trabalhos paralelos à banda e à carreira solo. Falo do EP *Maki-Takai No Jetlag* lançado pelo selo Taiyo no Japão feito em parceria com Maki Nomiya, uma influência declarada. Ela também realizou tantos outros que não necessariamente passam pela música, como indicar um conto preferido no livro *Clarice na Cabeceira*, organizado por Teresa Montero em um ano onde a escritora foi lembrada em grandes exposições, peça de teatro de sucesso – no caso o monólogo *Simplesmente Eu Clarice Lispector*, de Beth Goulart (muito bom, recomendo). Seu talento para ser crítica gastronômica ainda fez surgir convites para escrever sobre restaurantes em suplementos da revista Veja e do Grupo Folha.

Se 2009 foi outro grande ano para a carreira de Fernanda Takai, o desafio deste que entra é ajudar o Pato Fu voltar com tudo ao mercado por meio do 10ª disco de carreira a ser lançado após o carnaval. A banda não parou, mas diminuiu o ritmo por causa de trabalhos solos não apenas de Fernanda. Ricardo Koctus também trabalhou na divulgação do seu disco (fez dois shows em Brasília, inclusive), Lulu Camargo participa de vários projetos paralelos, entre eles a excepcional Orquestra Brasileira de Música Jamaicana (OBMJ), John produziu alguns discos, inclusive parte de *Pelo Sabor do Gesto*, de Zélia Duncan. Foi por essas e outras que houve até aqueles que colocaram Fernanda na condição de "ex-Pato Fu".

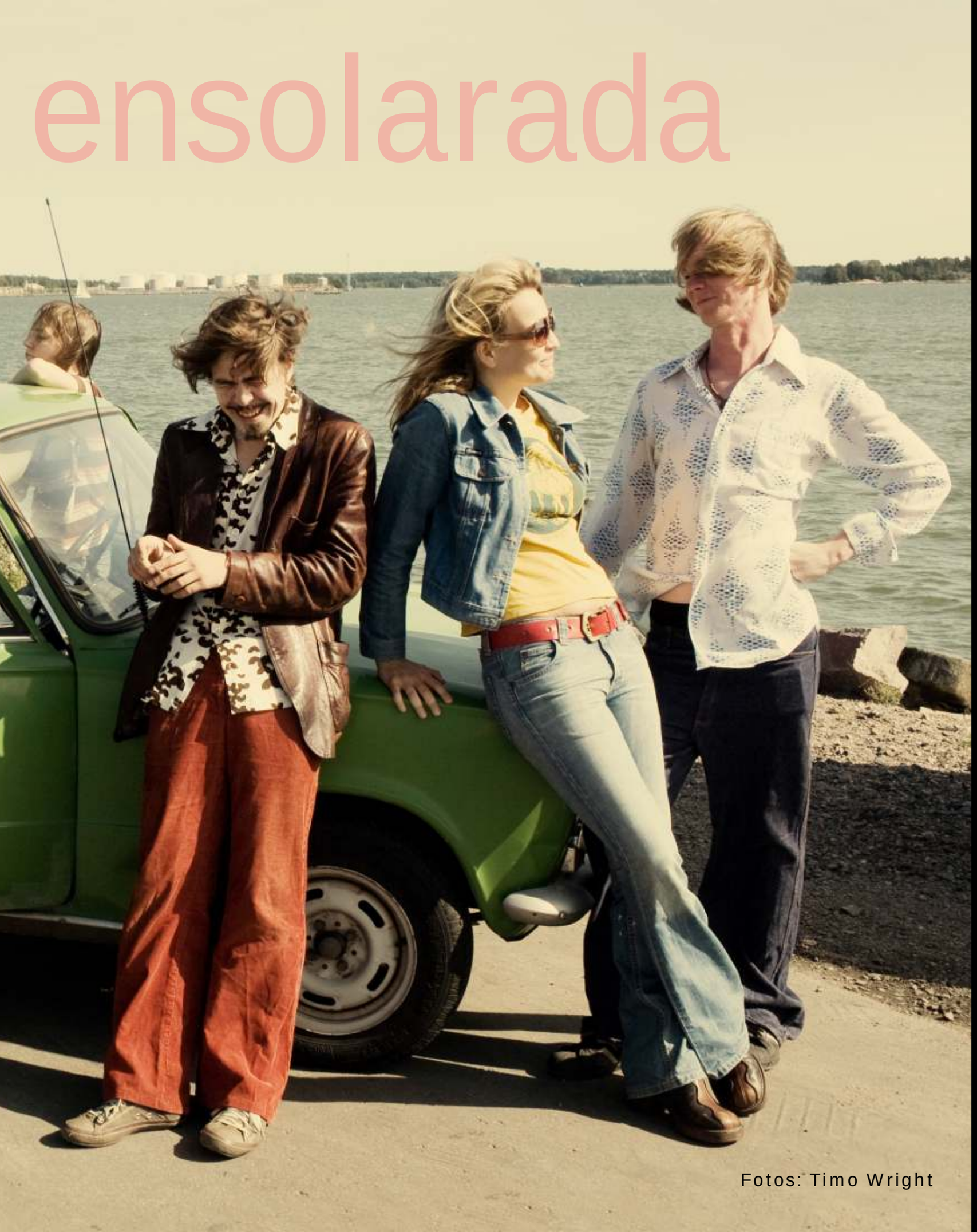
Daí o desafio que fica a Fernanda e aos demais. Como manter o Pato Fu forte com quase 20 anos de existência, sendo que os integrantes mantêm carreiras paralelas interessantes? Em 2010, essa resposta virá.

Maki Takai

Fernanda Takai precisa fazer mais travessuras assim. Essas coisas entre amigos que outras pessoas podem tomar conhecimento. O EP *Maki-Takai No Jetlang* é uma delícia de se ouvir. São duas vozes que tem suas similaridades e que criam uma dinâmica muito interessante. Maki Nomiya (ex-Pizzicato Five) é o lado "cool", ao passo que Fernanda contribui com sua candura habitual. Ambas estão muito seguras nas partes que lhes cabem. Fernanda canta em japonês desde *Isopor*, e ela repetiu a dose em seu trabalho solo. Logo, não foi novidade vê-la entonando no idioma de seus antepassados. Interessante foi a Maki mandando ver no português em uma versão muito boa de *Saudade* (do *Isopor*). É uma pronuncia mais pausada, como se falasse separando as sílabas, mas que surpreende. Bela ficou *Nagoya*, parceria de Fernanda e John com João Donato. Trata-se da única canção inédita do EP e é cantada em português (por Fernanda) e em japonês (por Maki). "*Eu nem notei/ qual foi a última cidade/ mas o que eu já sei/ é que eu só vejo você/ meus olhos mal podem ver/ esse lindo lugar*.

finlândia

ensolarada



Fotos: Timo Wright

Djenane Arraes

"*Ei voi mittään/ väistykää nyt vauhtiin päästään/ kun näin hyvä samba soi/ paikoilleen ei jäädä voi*". Entendeu alguma coisa? Bom, e se disser que essa sopa de letrinhas acima é finlandês e que em português seria algo assim: "*Mas que nada sai da minha frente/ que eu quero passar/ pois o samba está animado/ e eu quero é sambar*". A música *Mas Que Nada*, de Jorge Ben, é conhecida no mundo inteiro e há diversas traduções. Esta em específico é obra de Lissu Lehtimaja, moça conterrânea do campeão de F-1 Kimi Raikkonen. Em uma passagem pelo Brasil, Lissy se apaixonou por nossa música e levou o gingado para seu país. Até aí, nenhuma novidade, pois não foi a primeira. O que faz do trabalho dela especial foi o fato que a Maria Gasolina, banda formada por ela para tocar versões do nosso cancioneiro, criou uma estética musical muito interessante ao misturar ritmos e visões dos dois países.

Além de Lissu, Maria Gasolina é formada por Taneli Bruun, Kalle Jokinen, Mikko Neimo, Matti Pekonen, Essi Pelkonen, Aarne Riikonen, Sanni Verkasalo, Timo Wright. Dois são os discos lançados, sendo que o segundo, *Mä Olen Sun* (2008), fez sucesso. Neste ano, os integrantes foram mais modestos (ou mais saudosistas, depende de como você interpreta) e lançaram a fita k7 *Kesakassu*, que traz referências dos Novos Baianos. Maria Gasolina faz sucesso por lá. Os integrantes não são grandes estrelas, mas de certo tem o nome reconhecido.

E pensar que tudo começou com o interesse e a curiosidade da ainda adolescente Lissu. Ela fez intercâmbio em São José dos Campos (SP) ainda em meados da década de 1990. Um dia, já de volta a Helsinque (capital da Finlândia), foi desafiada por uma professora. A tarefa era escrever poesias, mas Lissu queria mesmo era traduzir as canções que aprendera no sul do planeta e apresentá-las aos colegas. A professora então disse que ela deveria cantar as músicas, e foi quando Lissu montou sua banda. Existe ainda uma segunda razão pelo qual a trompetista e vocalista optou pela tradução. É que a canção em português não tinha o mesmo

impacto nos seus amigos, como havia para ela, que entendia o idioma.

Foi nesse compasso que os finlandeses entenderam que Carolina deixou os corações de Toquinho e de Jorge Ben "tristonho, enciumado, morrendo de amor", em *Carolina Carol Bela*. Ou que Hyldon diz que é preciso agradecer "se acaso tiver, alguém que gostaria que estivesse sempre com você na rua, na chuva, na fazenda ou em uma casinha de sapê". E ainda tem versões engraçadíssimas de músicas do Olodum, de Ivete Sangalo e da Banda Beijo. Ou seja, Lissu tem jeito de que adorou o carnaval baiano tanto quanto os clássicos da MPB. Mas pensa que a experiência no Brasil ficou só no intercâmbio. Ela está ligada nas novidades por aqui e já traduz músicas um pouco mais recentes para o repertório da Maria Gasolina. É o caso de *Cara Valente* (*Jätkä Tällainen*), de Marcelo Camelo interpretado por Maria Rita e *Não Enche* (*Anna Olla*), de Caetano Veloso.

Lissu concedeu uma entrevista por e-mail ao Elefante Bu. Confira.

A voz nasalada de Lissu soa diferente aos ouvidos nacionais, acostumados com cantoras de timbres ou de gargantas poderosas, como Ivete Sangalo, ou das doces, como Marisa Monte. Logo, ouvir Lissu, por si só, já é uma experiência – que causa algum estranhamento no começo, mas um agradável. Além de bonita, a moça ainda canta bem dentro de suas características.

Há um segundo impacto: o do próprio finlandês. É tão alienígena quando o japonês e o chinês para o brasileiro. Contudo, assim como esses idiomas orientais, não é impronunciável para nós por causa do som aberto. O negócio é acompanhar a velocidade. Quanto ao som, ah, esse foi o maior diferencial. A banda ao adaptar canções brasileiras ao universo finlandês, acabou por criar a sua própria "tropicália".

Baby virou um híbrido entre a versão na voz de Gal Costa e a dos Mutantes com um belo arranjo de metais. *Rosa* (a do Olodum) agora entra numa boa a lista de músicas do meu mp3 player de tão boa que ficou. *Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda*, foi outra que ficou sensacional. O maior climão. Lissu não tenta alcançar a potência de voz de Elis Regina em *Madalena*, o que é mais um ponto positivo. Todas as "adaptações" de Jorge Ben são pontos altos.

Agora teve algumas coisas que não deram muito certo. *Carro Velho*, da Ivete Sangalo perdeu muito na versão da Maria Gasolina. O mesmo vale para as versões de *Cara Valente* e *Xote das Meninas*. Essa última ficou até engraçada... mas é... não rolou porque não teve o "caimento".

Elefante Bu - Quando você esteve no Brasil, "esbarrou" em Caetano Veloso e Milton Nascimento. Mas isso foi literalmente ou foi um encontro com a música deles?

Lissu Lethimaja - Isso foi apenas com música deles.

Elebu - O que mais gosta da música brasileira além dos grandes mestres da MPB como Caetano, Jorge Ben, Carlos Lyra e etc?

Lissu - Gosto de coisas bem variadas. Não vou listar novamente os óbvios que seriam mais ou menos todos os vanguardistas dos anos 70. Além deles gosto dos anos 80 como Blitz e Legião Urbana. E vejo o eletro rock como uma continuidade lógica desses. Isso seria o CSS, Bonde do Rolê ou Jumbo Elektro. Mas sou tão velha já que escuto até os velhos bambas como Elizete Cardoso, Noriel Vilela ou Noel Rosa. Acho que entrei oficialmente na idade média quando comprei um disco de Roberto Carlos... Rs rs... Mas sério, gosto de alguns discos dele dos anos 60.

Elebu - Além da música brasileira, que outras coisas você gostou daqui (Brasil)?

Lissu - Ah, vai ser a entrevista mais chata se vou listar todas as dez mil detalhes pequenas que gosto do dia-a-dia da vida do Brasil. rs rs.. Mas são inúmeras pequenas coisas. Picanha bem salgada em pedaçinhos bem fininhos num churrasco do quintal de casa, que dura o dia inteiro. A curta memória que deixa esquecer de tudo na hora de festa. Beijinhos e abraços, o povo brasileiro é bem meigo, social e físico. É a multidão que anda com pressa na Avenida Paulista e o cafezinho nas padarias vazias de rodoviárias de cidades minúsculas no meio de nada. A convivência (às vezes não perfeita, mas existente) de heranças europeias, africanas, indígenas e orientais todos os dias que se vê em coisas tão pequenas em quais nem se presta atenção às vezes. As cigarras que tocam tão alto que devem ter uns alto-falantes pequeninhos. Coxinha com guaraná gelado nos dias

quando se esqueceu de almoçar. Aí tem uns cheiros que nem sei identificar, mas que conheço quando os encontro. E é claro, o meu amor pelo seu país não seria completo senão tivesse igualmente, pelo menos, dez mil detalhes que detesto também, mas é melhor não listar aquelas. Nossa, que saudade me deu respondendo essa pergunta! Está fazendo cinco anos da última vez que estive aí.

Elebu - Os seus conterrâneos finlandeses entendem o que significa "Maria Gasolina"? O nome em português é muito bom, mas e aí na Finlândia? É difícil de falar? Como ele é recebido por aí?

Lissu - Mas é o nome mais engraçado, eu acho. Os finlandeses, é claro, não sabem o que isso significa, mas era fácil pronunciar, escrever e lembrar e tinha um som exótico e humorístico até no ouvido finlandês. Alguns anos depois apareceram várias músicas com esse nome, essa do latino (que a versão reggaeton em castelhano tocava em vários botecos aqui) e a do Bonde do Rolê. Muita gente aqui ficou surpresa porque nem souberam que era uma gíria comum. Pensaram que era só alguma coisa que eu tinha inventado. Alias muita gente aqui não entende que é o nome da banda, acham que é meu nome mesmo. Às vezes vêm perguntar pra mim se eu sou a Maria Gasolina. A própria mesmo, hein? rs rs...

Elebu - O que acho legal é que você conseguiu encaixar e adaptar muito bem a métrica da letra em português para o finlandês. E são idiomas que tem pouca aproximação. Como você conseguiu fazer essa proeza?

Lissu - Às vezes parece que conheço a versão original tão bem de coração que acabo cantando palavras da língua finlandesa em ritmo da pronúncia brasileira sem perceber. Dizem que é engraçado porque às vezes parece que seria uma língua estrangeira, mas quando se escuta melhor se entende tudo. Mas às vezes também mudo o ritmo da melodia um pouquinho pra encaixar melhor com a tradução finlandesa. Muitas vezes, procuro bem o vocabulário finlandês para achar algum jeito de passar a frase naturalmente no mesmo ritmo. Mas a língua é bem diferente aqui, as palavras são extremamente compridas, em vez de preposições nós colocamos mais e mais extensões no fim da palavra, não tem artigos, não tem feminino nem masculino, a ordem das palavras na frase é diferente. Que mais? Às vezes uma palavra pode dar outra associação para o ouvinte independente do seu significado. Ou pode ser que a palavra mais linda tenha um som feio em outro idioma. Tem tantos fatores pra pensar. Mas como para mim, a letra é mais importante, então até mudo a melodia ou o ritmo um pouquinho para eles encaixarem nas métricas. Mas é claro, a letra também tem que fazer um compromisso. Uma canção é como se fosse um matrimonio de letra e música, os dois têm que dar mão. Mas afinal, com cada música tem que valorizar e repensar qual é o fator nessa certa música que faz dela o que é. Entendeu? Tipo, tem algumas músicas onde a métrica é a coisa mais importante. Tem músicas onde é um certo ritmo das rimas, ou a brincadeira de palavras, ou o som delas, ou os detalhes. É bem variada, e cada vez tem que pensar qual é a coisa nessa música com que não abro a mão.

Elebu - Outra coisa interessante é que vocês não se contentaram em fazer covers das canções e criaram arranjos bem legais em cima da melodia original. Essa foi uma

preocupação que a banda teve para dar identidade a Maria Gasolina?

Lissu - Quando começamos essa banda, a gente não sabia ainda tocar tão bem, então tínhamos de facilitar as coisas um pouquinho pra conseguir tocá-las. Fui a única pessoa do grupo quem conhecia música brasileira. O ouvido finlandês é costumado com ritmo bem diferente e os meus colegas foram finlandeses. Foi assim que o nosso som virou um híbrido. Eu gostei disso. Mesmo quando o resto da banda começou a conhecer mais da tradição brasileira, eu sempre falei que a gente não precisa imitar ninguém ou fingir nada. Nós tocamos do jeito que nós tocamos. Na Finlândia tem várias bandas que tocam música latina de uma forma ortodoxa. São bem profissionais e estudam muito para tocar igualzinho aos seus mestres no Brasil ou na Cuba. Nós somos mais interessados em procurar um vínculo que ligue as duas culturas. Até que se você pensa bem como nasceram certas músicas no Brasil, vieram da mistura das influências da tradição africana e europeia ou mais tarde da mistura das influências da tradição brasileira e roque americano. Eu sempre achei que híbridos são legais, enriquecem a cultura. E nem todos dos nossos arranjos são tão diferentes dos originais... Mas afinal, se nós cantamos em finlandês, porque não tocamos assim também?

Elebu - Você tem planos para tocar no Brasil ou em outras partes do mundo com a Maria Gasolina?

Lissu - Tocamos uma vez em St. Petersburgo na Rússia. Eu não sabia se iam entender a graça não entendendo finlandês nem conhecendo as músicas, mas eles gostaram bastante. Até traduzi uma música russa só pra tocar pra eles! E é claro, os brasileiros que moraram aí foram também! Foi ótimo! Recebemos um convite pra tocar num festival na Alemanha em 2010. É claro seria legal levar essa banda pro Brasil! Mas é meio complicado, é bem longe e caro. Temos oito integrantes e equipamento pesado. E nós não temos um selo grande. Aliás, quando começamos as gravações do segundo disco, fundamos a nosso próprio selo. Então, os nossos recursos são bem modestos para planejar turnês. Mesmo assim, começamos a negociar sobre as possibilidades de ir ao Brasil. Espero que dê tudo certo!

onde encontrar maria gasolina

Site oficial:
http://www.mariagasolina.net/pgali.php

Para ouvir:
http://www.myspace.com/mariagasolina

http://www.lastfm.com.br/music/Maria+Gasolina

Para adquirir:
http://www.apple.com/search/ipoditunes/?q=maria+gasolina

Consulte também os sites da Amazon, Rhapsody e eMusic.

MUITAS SURPRESAS NO
PORÃO DO ROCK 2009

A 12ª edição do Festival Porão do Rock conseguiu resgatar a filosofia a qual foi criado em 1998, dar visibilidade para a cena musical de Brasília, unindo artistas e bandas da cidade. É bem verdade que os dias que antecederam o festival, muitos boatos e especulações, na maioria infundados, deram um toque de "SERÁ??!?!" na maioria da mídia nacional e no público. O maior boato foi a volta da Legião Urbana, tocando depois de mais de 20 anos, em Brasília. Diversos nomes foram colocados como prováveis "substitutos" do insubstituível Renato Russo.

Fato confirmado pela produção, foi a antecipação das comemorações de 50 anos de Brasília, que acontece somente no ano que vem, 2010, mas com a ajuda do Governo local, o Festival abriu um dia somente homenagens à história do rock Brasília e anunciou além da ATRAÇÃO SURPRESA, a volta de bandas como Escola de Escândalos, Mascavo Roots, Cabeloduro, Little Quail & the Mad Birds, Detrito Federal. No line-up ainda contava com Raimundos, Paralamas do Sucesso, Plebe Rude, Móveis Coloniais de Acaju entre outras bandas de Brasília.

Mas nem o mais otimista fã da Legião Urbana, consegui acreditar quando os telões começaram a exibir imagens dos antigos shows da banda e Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá subiram ao palco principal e tocaram os primeiros acordes de Tempos Perdidos. Acompanhados de um microfone no centro do palco, com uma flor branca, representando Renato Russo e músicos uruguaios completando a banda. O show transcorreu com o revezamento de diversos vocalistas como André Gonzáles, Toni Platão, Herbert Vianna e Phellippe Seabra.

Depois de tanta emoção, o festival ainda trouxe duas gratas surpresas. O excepcional show do Mascavo Roots, que por questões contratuais se apresentou como M. Roots, e contou com a sua formação original. Marcelo Vourakis, Joana Lewis, Carlos Pinduca, Prata, Ricardo Marrara, Quim e Txotxa se divertiram, literalmente, com um desfile de sucessos do cultuado disco de estréia da banda de 1995. Na sequência Gabriel Thomaz, Zé Ovo e Bacalhau tomaram de assalto o palco principal e com muita competência e várias piadas bem humoradas, fizeram todos que assistiam ao show se questionarem: - Por que o Little Quail And The Mad Birds acabou??? O trio tocou todos os sucessos em um show memorável e que ficará marcado na história do Rock de Brasília.

Sem dúvida, a 12ª edição do Festival do Porão do Rock superou minhas expectativas e trouxe renovou a sentimento ainda há salvação para o Rock de Brasília.

Mais textos e fotos em www.poraoweb.com.br

Texto e fotos: Washington Ribeiro

M. Roots

Marcelo Vourakis e Joana Lewis se divertiram cantando os maiores sucessos da banda

Legião Urbana

Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos em apresentação histórica no Festival

Little Quail And The Mad Birds

Gabriel Thomaz, Zé Ovo e Bacalhau deixaram uma interogação na cabeça do público. Por que a banda acabou?

radicais no poder

Djenane Arraes

Se existe uma grande especialista brasileira em assuntos relacionados ao Oriente Médio, em especial a questão entre Israel e Palestina, essa pessoa é a jornalista Guila Flint. Ela trabalha como correspondente da BBC Brasil na região e, ao longo de 14 anos, colaborou ainda com outros veículos da imprensa nacional, como a revista Carta Capital, os jornais O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde e com a Globo News. Em novembro, Flint esteve no Brasil para o lançamento do seu mais recente livro *Miragem de Paz: Israel e Palestina - Processos e Retrocessos* (Editora Civilização Brasileira, 514 páginas). Tive a sorte e o prazerem conversar por telefone com ela.

Elefante Bu – O que me chamou atenção no seu trabalho é o equilíbrio com que você noticia os dois lados de um conflito. Isso sabendo o quanto é raro no jornalismo, por várias razões, conseguir dar voz a dois lados em uma situação de guerra, principalmente. Como você trabalha para conseguir fazer tal cobertura?

Guila Flint – Essa é realmente uma questão fundamental no meu trabalho. Desde o momento em que comecei a trabalhar para a imprensa brasileira cobri os dois lados do conflito. Moro em Tel Aviv, mas viajo frequentemente para a Cisjordânia, e converso com palestinos. Entrevisto políticos, intelectuais e pessoas de todos os tipos, dos dois lados. Então, de alguma maneira, vivo nos dois mundos, e isso é fundamental para entender aquele conflito. São duas sociedades muito complexas, em nenhuma delas há “preto e branco”, existem vários matizes e é muito importante compreender a complexidade de cada uma delas para entender o conflito entre os dois povos. E para também poder fazer uma avaliação sobre futuras soluções. Se é que elas existem, vão depender do equilíbrio interno de forças em cada uma das sociedades.

Elebu – Que forças são essas as quais você se refere?

Flint – Tanto na sociedade palestina como na israelense existem moderados e radicais. Tentando simplificar, os radicais palestinos são representados principalmente pelo Hamas, e os moderados, especialmente pelo Fatah. Do lado israelense, os radicais são representados pela direita e partidos ultra-ortodoxos. Há os partidos de centro e os que se colocam à esquerda do mapa político. Existe o partido social-democrata Meretz que, só tem três cadeiras no Parlamento. Existem também três partidos cujo eleitorado é de cidadãos árabes-israelenses, que na questão do conflito se posicionam a esquerda do mapa político e apóiam um acordo de paz. Esquerda em Israel é mais uma questão política relacionada ao conflito do que uma questão sócio-econômica como é interpretada no mundo inteiro. Quando se fala de esquerda em Israel, refere-se a uma visão pacifista. Inclusive dentro da esquerda israelense, há pessoas de visão sócio-econômica capitalista, liberal, vamos dizer. As pessoas da esquerda israelense não necessariamente são socialistas. Hoje em dia a esquerda israelense está muito debilitada, conta com apenas 11 cadeiras no parlamento – contando os partidos árabes-israelenses e mais três cadeiras do Meretz, o partido social-democrata. O partido trabalhista, que na época do Acordo de Oslo era posicionado à esquerda do mapa político, virou centro.

**As ilustrações desta matéria estão grafitadas no muro erguido por Israel. O autor é o artista plástico britânico Banksy.*

A jornalista Guila Flint explica alguns dos obstáculos que dificultam a implementação de acordos de paz entre israelenses e palestinos

Inclusive hoje o partido trabalhista faz parte da coligação governamental do governo de [Binyamin] Netanyahu. O líder do partido trabalhista, Ehud Barak, é o ministro da Defesa de Israel. Nessas circunstâncias seria muito difícil chamar o partido trabalhista de esquerda. O partido Kadima, que foi o partido governista até poucos meses atrás, também é de centro.

Elebu – Como se configura o governo israelense então?

Flint – A coalizão governamental de Israel inclui partidos de direita, extrema direita, ultra-ortodoxos e o partido trabalhista. Por exemplo, o partido do atual ministro das relações exteriores, Avigdor Lieberman, que esteve recentemente no Brasil, é de extrema direita (Yisrael Beitenu). O próprio ministro é um colono e mora em um dos assentamentos nos territórios ocupados. E ele não é o único. Há vários ministros desse governo que são colonos e moram em assentamentos. No parlamento atual, quais são as forças que apóiam um acordo de paz entre israelenses e palestinos nos moldes do Acordo de Oslo? Somente os 11 membros dos partidos árabes-israelenses e os três membros do partido social-democrata Meretz. São apenas 14 deputados entre 120, que apoiam os acordos, conforme formulados originalmente por Yasser Arafat e Itzhak Rabin.

Elebu – Logo, para que a paz tenha alguma chance naquela região do Oriente Médio, é preciso que a esquerda política possa ganhar força afim de que novos acordos de paz possam ser elaborados?

Flint – Para que os acordos que já foram assinados sejam implementados. São acordos que foram assinados com a participação de grandes forças internacionais, não são apenas uns papeis que se pode jogar fora ou colocar na gaveta. Os acordos tiveram um âmbito internacional e foram assinados pelo governo israelense. São esses acordos que não estão sendo implementados. A maioria do parlamento israelense é contra. Então o que quis dizer sobre equilíbrio de forças, é olhar para as duas sociedades e ver qual é a porcentagem de apoio dentro do parlamento e do público em geral, à implementação dos acordos já assinados. Dos dois lados, essa porcentagem está caindo visivelmente. O Hamas é contra os Acordos de Oslo e não aceita a existência de Israel. O Hamas ganhou as eleições parlamentares palestinas em 2006 e obteve a maioria do Parlamento. E depois, em 2007, expulsou à força o Fatah da Faixa de Gaza. Hoje o Fatah não tem força política nem militar na Faixa de Gaza, que é uma região onde moram aproximadamente 1,5 milhão de palestinos. Existe ainda a Cisjordânia, onde moram, aproximadamente, 2,5 milhões de palestinos, onde o controle é do Fatah. É importante salientar que quando houve a eleição parlamentar e o Hamas ganhou, se criou uma dualidade de poder entre o Fatah e o Hamas. O presidente palestino Mahmoud Abbas continou no cargo ao passo que o Hamas obteve a maioria no parlamento. Criou-se uma dualidade de poder entre parlamento e presidência.

Elebu – Mas o Hamas representa o governo palestino, certo? E eles são considerados um grupo terrorista.

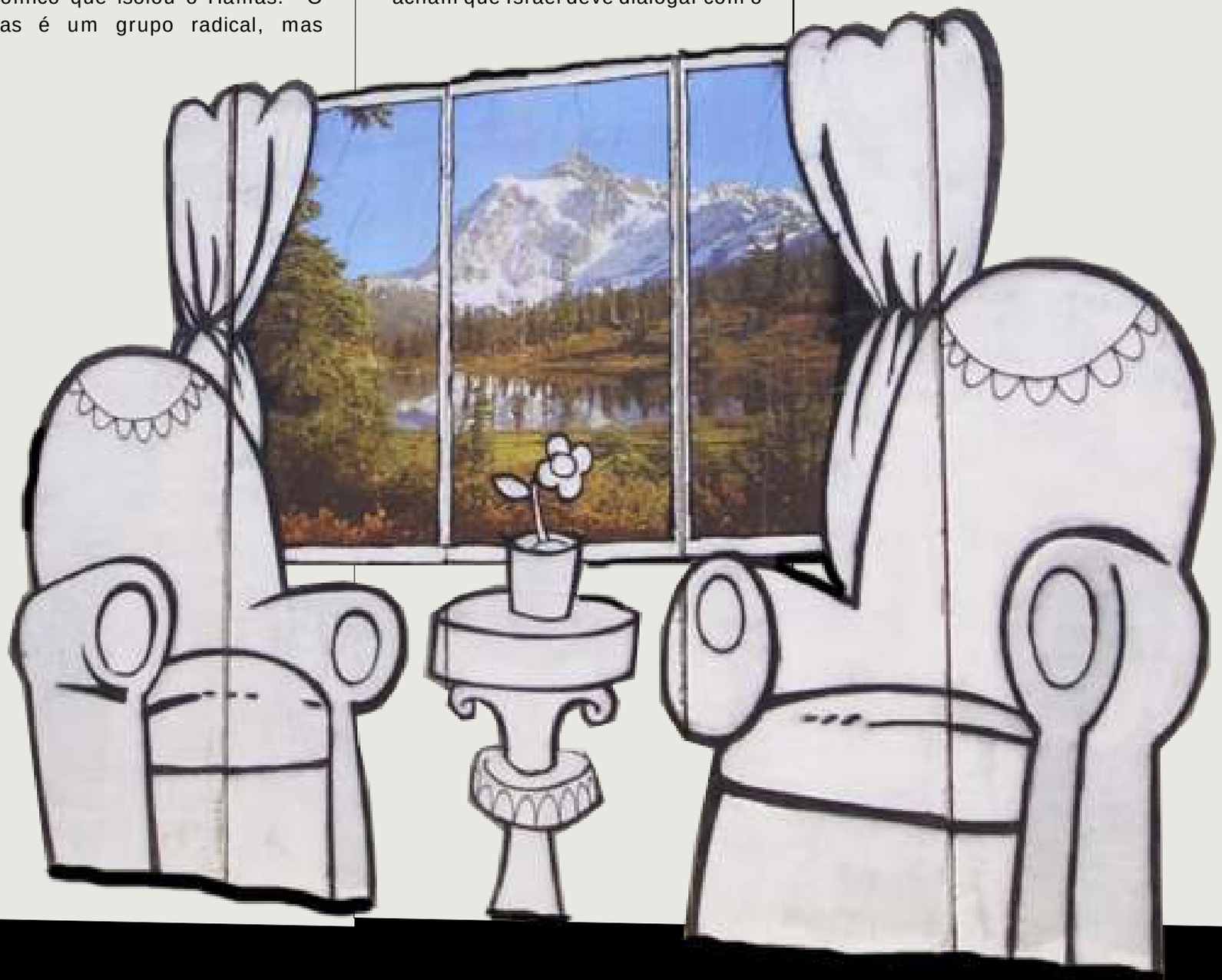
Como Israel lida com a necessidade de negociar com o Hamas?

Flint – Quando o Hamas ganhou as eleições parlamentares, o governo israelense, liderado pelo primeiro ministro Ehud Olmert, classificou o Hamas como um grupo terrorista, anunciou que não ia ter contato algum com a organização e tambem convocou a comunidade internacional ao boicote. Grande parte da comunidade internacional apoiou a posição de Israel, inclusive o quarteto, que inclui Estados Unidos, Rússia, ONU [Organização das Nações Unidas] e EU [União Europeia], que são os mediadores principais das negociações de paz. Então se criou esse boicote político e econômico que isolou o Hamas. O Hamas é um grupo radical, mas mesmo dentro dele há nuances. Por exemplo, a liderança do Hamas na Faixa de Gaza é mais moderada do que a liderança do Hamas no exílio, na Síria. Ismail Haniyeh que é o líder do Hamas na Faixa de Gaza, é mais moderado do que Khaled Meshaal, que lidera o Hamas a partir de Damasco. Os líderes em Gaza, que percebem mais de perto o sofrimento da população, tem uma tendência maior de chegar a algum tipo de trégua, embora não aceitem o conteúdo dos acordos de Oslo. Ismail Haniyeh já mencionou várias vezes que está disposto a uma trégua de 30 anos com Israel. Há vários analistas politicos em Israel, inclusive o ex-chefe do Mossad (Serviço de Inteligência), Efraim Halevy, que acham que Israel deve dialogar com o Hamas e não pode continuar ignorando a força politica desse grupo dentro da sociedade palestina.

Elebu – Qual o prognóstico que você faz em relação a todo esse cenário político que existe entre Israel e Palestina?

Flint – Acho que se não houver um acordo de paz a propria existência de Israel estará em risco. Para o bem da população de Israel, é muito urgente e necessário que se chegue a um acordo de paz com os palestinos e com a Síria. E, obviamente, para o bem dos palestinos esse acordo é urgente.

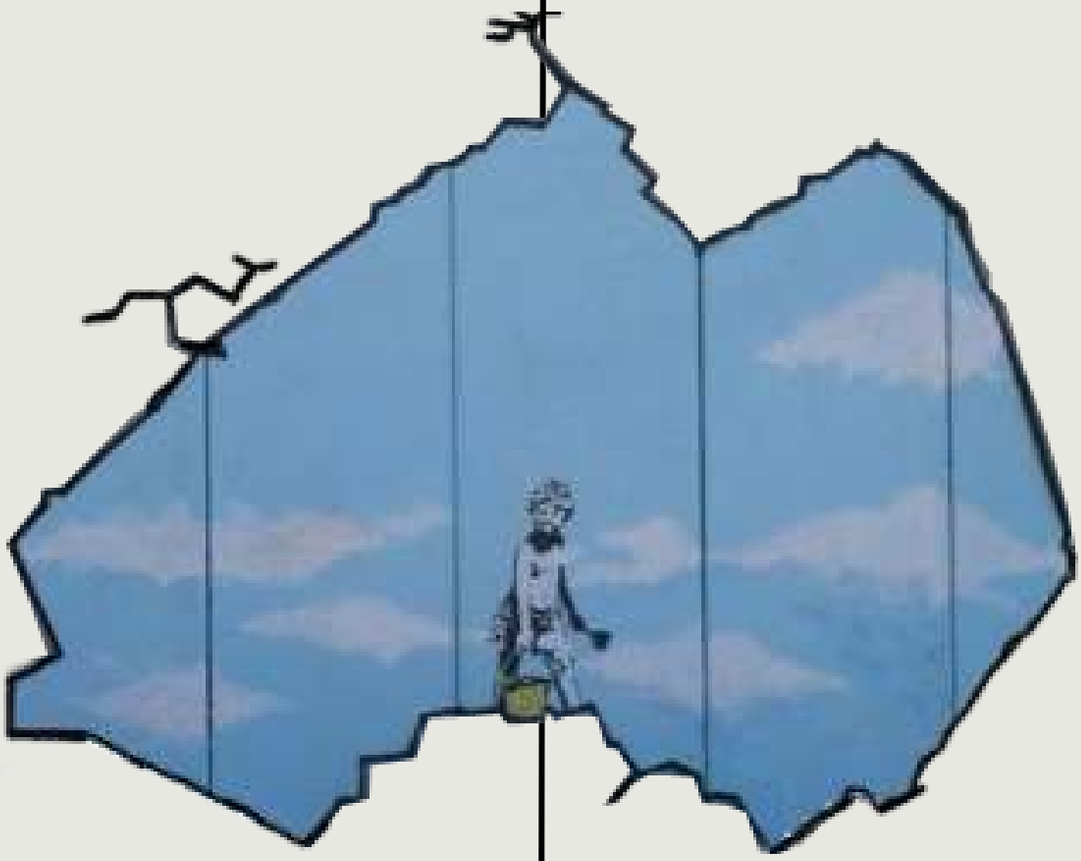
Elebu – Tão grave assim?



Flint – Sim, a ausência de um acordo de paz pode colocar em risco a segurança da população israelense e a própria existência do Estado. É necessário um acordo de paz que possa levar ao fortalecimento dos moderados no mundo árabe e dentro de Israel. Porque há uma influência recíproca entre a pacificação e a influência dos moderados. O fortalecimento dos moderados faz crescer a possibilidade de paz. E essa influência vai para os dois lados. Quanto mais conflitos, mais os radicais ganham força. Quanto mais se aproxima a possibilidade de acordo, mais os moderados ganham força. Se não houver uma solução a curto/médio prazo, a situação por lá pode piorar muito. Muita gente me pergunta: “Mas como piorar se já está tão ruim?”. Acho que pode piorar ainda mais. É só uma questão de imaginação e lógica e de perceber que o Oriente Médio é uma região muito dinâmica e que nada lá é estático. Nenhum dos regimes árabes é estável. Nem no Egito e nem na Arábia Saudita, que são os países mais fortes do mundo árabe e até nesses dois países os regimes são instáveis. Há uma grande oposição de grupos fundamentalistas islâmicos. E ainda existe o fato de que o Irã poder vir a ter uma bomba atômica e que se isso acontecer, sendo o Irã um país xiita, os dois maiores países sumitas - o Egito e a Arábia Saudita - também deverão obter armas nucleares. Então dentro de pouco tempo, menos de uma década, poderá haver um Oriente Médio armado com armas nucleares e com regimes instáveis.

Elebu – Mas é um cenário apocalíptico esse descrito por você.

Flint – Não é apocalíptico, é racional. Estou falando de uma possibilidade real e concreta. Então, em que pé ficam os moderados naquela região? Como ficam as pessoas que querem uma vida normal, com educação, saúde, alimentação, internet, progresso? O medo não é só dos israelenses moderados, que estão cientes de que isso pode acontecer,



mas também é dos árabes moderados, no Fatah, no Egito, na Jordânia, que percebem a direção que a região está tomando. Se não houver, em breve, uma solução para o conflito entre árabes e israelenses, que possa levar os povos da região a retomar a confiança na paz, a região poderá descambar para um grande tragédia. Penso que o Oriente Médio está caminhando para uma situação muito perigosa. Evitar essa tragédia é o interesse de Israel, dos palestinos, dos países árabes e do mundo inteiro.

jornalismo de games é sério

Bruna Torres

Quem pensa que videogame é coisa de criança está enganado. Ele virou assunto sério com o surgimento do chamado Novo Jornalismo de Games. Em abril de 2005, foi publicada no jornal americano The New York Times uma matéria sobre o assunto e foi a primeira vez que se ouviu falar no termo.

A especialização surgiu quando vários jornalistas do setor começaram a dar um toque mais pessoal às suas matérias ao adotarem o uso de primeira pessoa e se aproximarem do estilo narrativo. Isso os deixou um pouco mais passionais. Como o público é especializado, e em sua maioria jovens, os jornalistas se permitiram fazer uso de uma linguagem coloquial.

A nova forma de escrever veio de forma natural, sem imposições. “Hoje estimulo os meus repórteres a colocarem o lado pessoal nas matérias, além da investigação”, afirma Pablo Miyazawa, um dos editores da revista Rolling Stone e redator do blog Gamer.br. “O jornalismo de games exige que a pessoa goste, caso contrário sempre irá tratar como subjornalismo. Quem trabalha como jornalista de games trata o tema da melhor forma que existe”, diz Pablo.

Por enquanto são poucos os especializados na área. Para Théo Azevedo, editor do site UOL Jogos, existe uma grande dificuldade de jornalistas formados há muito tempo se adaptarem ao estilo de escrita dos jogos. O site é atualizado quase de hora em hora, inclusive em finais de semana e feriados. “Esse tipo de jornalismo é feito por pessoas entre 18 e 38 anos; muitos ainda não são formados, mas entendem do assunto. Outros jogavam na infância e adolescência e em função disso transformaram a diversão em profissão”.

A formação não é exigida, mas isso não quer dizer que ela atrapalhe. “Está se criando uma cultura de estudantes de jornalismo que querem se especializar em games para escreverem sobre isso. É uma coisa que não existia há uns cinco anos. O pessoal está levando a sério”, comenta Pablo.

E quem disse que mulher também não participa? São poucas, mas existe um grupo feminino especializado no assunto. Pablo afirma que gostaria de ver mais. “As mulheres escrevendo sobre games dão um ponto de vista que ainda é bem distinto”, opina. Isso acontece pelo fato de os jogos serem muito sexistas.

Renata Honorato, editora do canal de games do site iG, é uma das meninas do ramo. Ela tem um blog direcionado para garotas chamado Game Girl, onde fala de games em geral. Para Renata, não existe preconceito sexista. “O começo é um pouco difícil, já que você precisa provar o tempo todo que sabe do que fala. Mas o mercado de jornalismo é como qualquer outro setor”, ressalta Renata.

O Girls of War é um blog com um pouco mais de um ano. Escrito somente por mulheres, cinco no total,

ele traz notícias diárias sobre os assuntos no mundo dos games. Carla Rodrigues, uma das redatoras do blog, acha que o jornalismo de games no Brasil é eficaz até onde se permite. “Isso porque não recebemos os jogos na data de lançamento, então precisamos esperar chegar o importado para fazer análises de jogos. Sem falar nas taxas de imposto abusivas para poder colocar a mão nos games”,

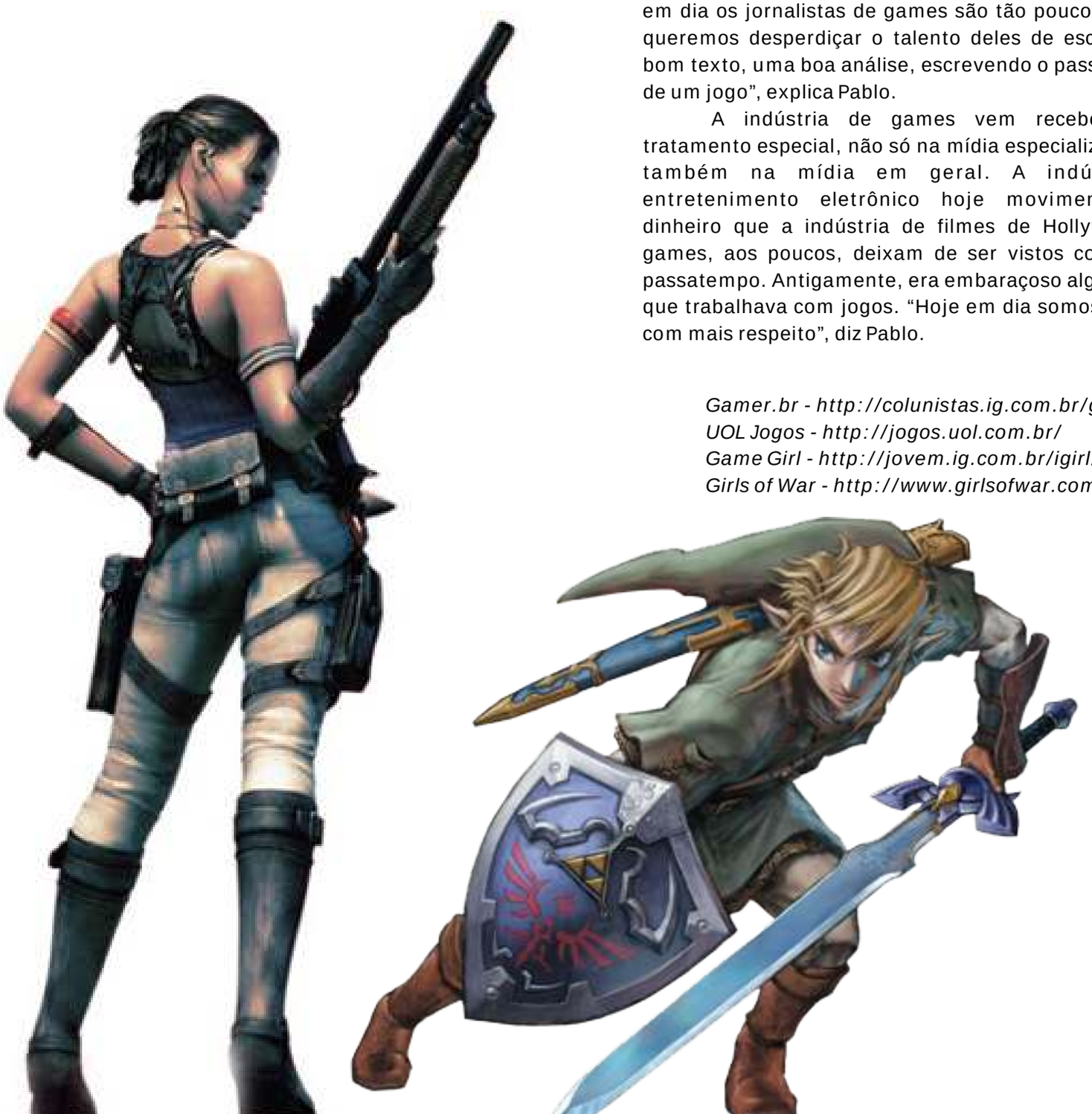
Muitas pessoas podem pensar que, ao trabalhar com games, terão mais tempo para jogar, mas não é bem assim. Os editores e os repórteres têm pouco tempo para se dedicarem à prática. “Achar que seguir carreira nesse ramo é passar o dia jogando é puro engano”, declara Renata. O jornalista de games tem de correr atrás de pautas, escrever e jogar, sim, mas nem sempre por prazer.

“Jogar profissionalmente é diferente de jogar por diversão”, afirma Théo. O repórter precisa conhecer os jogos em voga no mercado e as novidades. Não é pré-requisito para o jornalista da área saber jogar. “Todo mundo joga, todo mundo gosta. Mas ninguém exige que as pessoas saibam jogar. A parte de jogar bem nós deixamos para as pessoas especializadas”, diz Miyazawa.

Os chamados “detonadores” são as pessoas pagas apenas para jogar determinado game e fazer a análise, conhecida como “detonado”, um roteiro de como terminar o jogo, com a utilização de estratégias. Eles, sim, precisam ser bons nos jogos, mas não necessariamente na escrita. Geralmente os textos vêm com muitos erros, o que dá mais trabalho para os jornalistas de games. “O ideal seria que nós pudéssemos e tivéssemos tempo para fazer os 'detonados'. Mas hoje em dia os jornalistas de games são tão poucos que não queremos desperdiçar o talento deles de escrever um bom texto, uma boa análise, escrevendo o passo a passo de um jogo”, explica Pablo.

A indústria de games vem recebendo um tratamento especial, não só na mídia especializada, mas também na mídia em geral. A indústria de entretenimento eletrônico hoje movimenta mais dinheiro que a indústria de filmes de Hollywood. Os games, aos poucos, deixam de ser vistos como mero passatempo. Antigamente, era embaraçoso alguém falar que trabalhava com jogos. “Hoje em dia somos tratados com mais respeito”, diz Pablo.

Gamer.br - http://colunistas.ig.com.br/gamerbr/
UOL Jogos - http://jogos.uol.com.br/
Game Girl - http://jovem.ig.com.br/igirl/
Girls of War - http://www.girlsofwar.com.br/



a auto-destruição de gia carangi

Cristiano Bastos

O showbissnes é uma varinha de condão com dupla magia: feitiço que produz fama e tragédia quase na mesma medida. Uma legião de almas escoaram pelo ralo do mainstream. Mas, das célebres vidas ceifadas por excessos, quantas partiram de verdade seu coração? Poucas histórias superam em tristeza a apressada trajetória, na vida e nas passarelas, da modelo norte-americana Gia Marie Carangi (1960-1986). A morte de Gia, vítima da aids, da fama, do vício em heroína – e especialmente de si mesma – tem mais de 20 anos.

Gia teve uma carreira tão curta e glamorosa e um final tão infeliz e degradante que, na ficção, nem o óbito misterioso da personagem Laura Palmer aproxima-se dos requintes de degradação física e moral auto-sofridos pela modelo. Perto do hecatombe pessoal de Gia, as mortes de Kurt Cobain e Sid Vicious, retardados ícones da heroinomania, são brincadeiras estúpidas de dois desacerebrados. Gia é dessas almas perdidas que gostaríamos de incluir em nossas preces diárias.

Em 1979, aos 17 anos, Gia Carangi, uma ex-caixa de lanchonete da Filadélfia, vai pra Nova York apostar na carreira de modelo. Sua ida ao topo foi veloz. Em menos de um ano, sua beleza desnuda (cuja pele, considerada perfeita, poucas vezes era preciso maquiar) ganhou as capas da Cosmopolitan, Glamour e Vogue, as mais importantes revistas de moda do mundo.

No intervalo de quatro anos, tempo que sua carreira durou, Gia representou marcas famosas, como Christian Dior, Giorgio Armani, Levi's e Yves Saint Laurent. Foi a modelo favorita dos fotógrafos Francesco Scavullo e Richard Avedon e a mais requisitada dos estilistas Gianni Versace e Diana Von Fustemberg. Em abril de 79, a carreira de Gia decolou de vez quando estrelou na capa da Vogue Paris, fotografada por Chris Von Wangenheim. Nessa sessão, conheceu Sandy Linter, que trabalhava como assistente e com a qual teve ardente (e polêmico) caso de amor dos bastidores da moda.

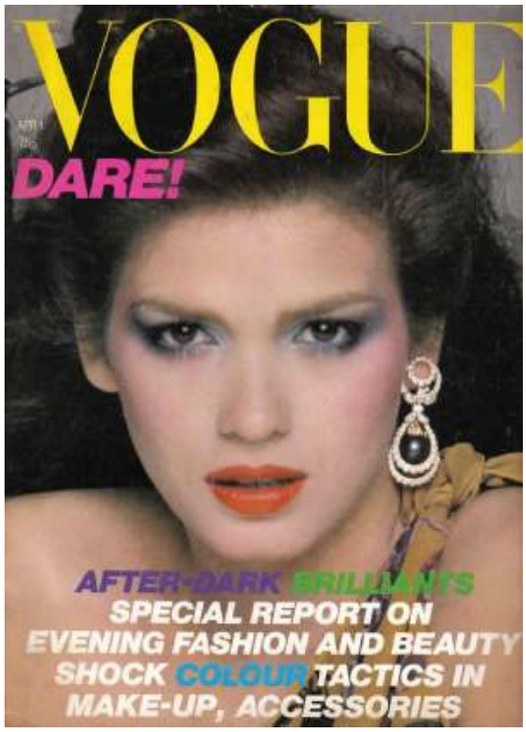
Nos anos 80, Gia causou rebuliço na pele da primeira mulher a desfilar com roupas masculinas e, também, por aparecer no estúdio de cara lavada vestida num velho jeans rasgado. À paisana, para ressaltar seu lesbianismo, Gia vestia-se com indumentárias masculinas; por debaixo da roupa, porém, escondia-se o corpo feminino mais lindo de sua geração.

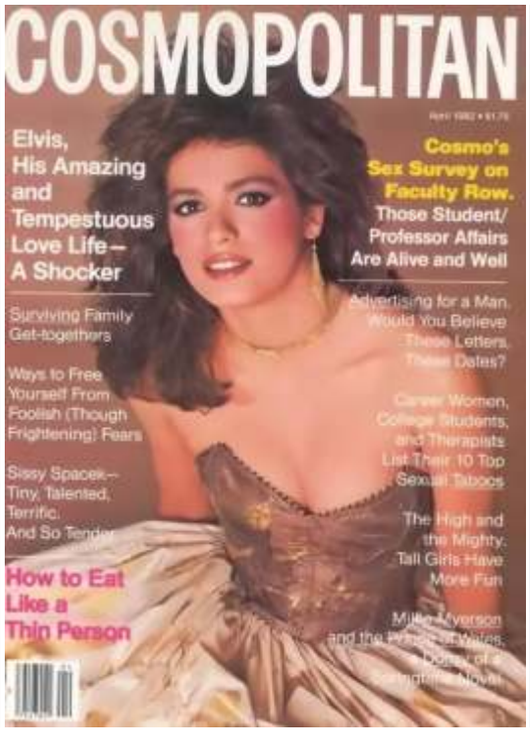
No final da década de 70, o universo da moda ainda estava "dentro do armário". Gia foi a primeira modelo a assumir-se como homossexual. Entretanto, segundo confessou em seu diário, sua vida teria sido diferente se, no fim das contas, gostasse de homens. Muitas pessoas que cruzaram pela vida de Gia e descreveram-na como mulher de enorme presença – a mais linda e cool da sua época. Por outro lado, sua vulnerabilidade psicológica era ainda mais notória.

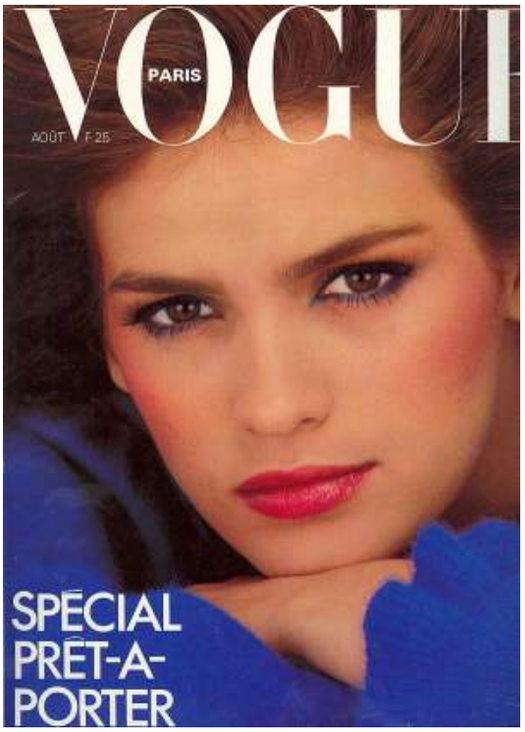
A morte de sua amiga e agente, Wilhelmina Cooper, em 1980, devastou a frágil psiquê de Gia. Foi quando começou a se revolver na areia movediça da dependência química. De acordo com a biografia *Thing of Beauty*, de Stephen Fried, provavelmente o fato alterou todo o curso de sua vida, "transfomando seus dias num inferno de drogas". Hoje, apreciando suas fotos é difícil perceber que mulher tão linda como Gia dissimulasse vício tão infeliz.

Os problemas enfrentados pela da top model têm gênese nos traumas de infância: ainda criança, sua mãe abandonou lar e marido. A bipolaridade extrema (nunca tratada) – oscilante entre picos de felicidade e tormentas emocionais – foi a porta de entrada da infernal trip junkie na qual, sem volta, jogou-se a modelo. Celebridade, logo Gia virou habitué do Studio 54, club novaiorquino onde a drogadição rolava solta na fritura hedonista da era disco. Não tardou para introduzir-se na cocaína e, bem rápido, foi apresentada à heroína. Se não estava louca de coca ou herô, Carangi chapava-se de ambas as substâncias – o speedball, combinação perigosa que fazia a cabeça de seu maior ídolo: David Bowie.

Gia teve dois importantes títulos. Um deles foi ser a primeira modelo da história a ser chamada de "super top model". Na linha cronológica do fashionismo, ela é mãe de Gisele Bündchen e madrinha de Cindy Crawford. A semelhança entre as duas era tão notável que, na estreia, Crawford recebeu o apelido de "Baby Gia". Na







incipiência devastadora da aids, Gia foi a primeira "mulher famosa" diagnosticada com o vírus nos Estados Unidos, doença contraída pelo compartilhamento de seringas.

O vício custou carreira, dinheiro e, por fim, a vida de Gia Carangi. No auge do sucesso, numa única temporada, a modelo chegou receber cachê de U$ 750 mil – cifra elevadíssima para os padrões da indústria da moda no áureos anos 80. O cachê diário de Gia, em média, era de U$ 10 mil. No fim da carreira, em 1984, não lhe sobrara um mísero tostão. Começou a prostituir-se para conseguir dinheiro para as drogas. Na sarjeta, foi preciso declarar-se indigente para tratar sua doença no sistema público de saúde. No final da doença, que, em dois anos, a devastou completamente, os músculos de Gia descolaram-se inteiramente do corpo.

A carreira de Gia começou a ruir quando, durante uma sessão de fotos, as marcas de picadas foram descobertas em seus braços. Foi o fim de sua carreira. A modelo passou para a lista negra do mercado da moda. A capa da Cosmopolitan foi a última parição de Gia numa publicação especializada. O fotógrafo e amigo Francesco Scavullo teve de forçar a barra para que Cosmopolitan publicasse o ensaio de Gia na edição de abril de 1982. Note que a foto esconde os braços de Gia por trás do vestido. Essa história é retratada na premiadíssima cinebiografia da HBO *Gia – Destruição e Fama*, produção que salva a carreira de Jolie.

No Brasil, o telefilme foi lançado diretamente em vídeo. Angelina ganhou o Globo de Ouro pela atuação, responsável por alavancar sua carreira de atriz. Ela mostra porque sua bissexualidade fez fama em cenas pra lá de ousadas em uma produção televisiva. Tão picantes que cerca de seis minutos de cenas foram cortadas; são achadas apenas na versão alongada do filme. A escolha de Jolie para o papel foi a mais acertada possível. Não lembro de nenhuma atriz em Hollywood que reúna beleza e personalidade complexa para representar uma vida tão perturbada como a de Gia.

Drogas e moda são velha combinação. Antes de Gia, a musa de Andy Warhol, a modelo e socialite norte-americana Edie Sedgwick enlouqueceu até morrer abusando de remédios e de drogas psicodélicas. Sua história é contada no filme *Factory Girl* (2006), com Sienna Miller no papel de Edie. Em 1997, a morte do fotógrafo de moda Davide Sorrenti por overdose de heroína, aos 20 anos de idade, escancarou o temário das drogas pesadas nas manchetes dos jornais. Na época, sua namorada era a modelo adolescente James King. Ela tinha 14 anos quando lhe ofereceram heroína numa sessão de fotos: "Eu vivia cercada por drogas. Era algo que estava sempre presente. O editor, o fotógrafo, todo o mundo fumava ou injetava drogas", revelou King.

A heroína gozou seu "momento fashion", em 1993, com a chegada da moda grunge. Fotografada pela Vogue britânica, Kate Moss tornou-se o rosto do "heroin chic". Algumas modelos afirmam que nunca viram drogas sendo consumidas no mundo da moda. "Ouço boatos, mas nunca vi", disse Cindy Crawford - a Baby Gia.

Hoje, Gia Marie Carangi é mais conhecida por ter sido dependente de heroína e morrido de aids do que por seu trabalho. No final da vida, Gia queria essa história fosse contada para que outras pessoas também tivessem a oportunidade de aprender com a tragédia. Dessa forma, nem tudo teria sido em vão. Ninguém do mundo da moda compareceu ao funeral.

Autoramas

Qual a diferença entre Autoramas acústico ou elétrico? Pouca coisa. Mesmo com o violão, e espírito, o som, a atitude são iguais. O violão não privilegia a voz de Gabriel Thomaz ou suas composições (ele é um dos melhores letristas do rock que temos hoje). Isso era muito bem resolvido em um disco regular. Ainda assim, o trio Gabriel, Bacalhau e Flávia decidiram pelo projeto acústico lançado pela grife *MTV Apresenta:*.

"Nós sabíamos que esse seria nosso próximo lançamento, ensaiamos bastante, fizemos as músicas e arranjos e começamos a testar. O primeiro show foi no Rio em Janeiro. E assim fomos aprimorando o trabalho, aperfeiçoando. Enquanto isso já conversávamos com a MTV. O lance foi todo gravado dia 29 de junho no Rio. Depois veio todo o trabalho de edição, mixagem, finalização q demorou um tempo também. Na real, comparado com outros lançamentos nossos, saiu até rápido", disse Gabriel.

Talvez não seja de todo errado afirmar que o *MTV Apresenta Autoramas Desplugado* é uma celebração dos 10 anos de existência da banda, com homenagens ao Little Quail e, de certa forma, a geração 1990 de Brasília. Do Little Quail veio *Galera do Fundão*, música adolescente até dizer chega, mas que foi referência e hit de show lançada no quase obscuro segundo disco. A outra é *I Saw You Say*, dos Raimundos. "É uma composição minha e do Rodolfo. Foi um grande sucesso e eu sempre quis tocá-la também, mas sempre achava que ia soar como um cover de uma música que fiz. No *Desplugado* conseguimos fazer a versão Autoramas da música, e aí finalmente consegui ficar à vontade pra tocá-la, sem medo de ser feliz".

Do Autoramas mesmo, o trio optou por um interessante repertório. Do primeiro, cheio de hits como *Fale Mal de Mim* e *Carinha Triste*, apenas a instrumental chega de trejeitos cênicos *Jogos Olímpicos* entrou na lista. Além do mais, ter uma música assim é tradição no Autoramas. Quanto as demais, foram selecionadas as melhores composições: *Hotel Cervantes*, *300Km/h*, *Copersucar*, *Muito Mais*, *Eu Mereço*. Sempre darei destaque para *A História da Vida de Cada Um*, que vem do subestimado *Vida Real*. "*Ser capaz de dar valor ao que já tenho/ da forma que eu sei, de onde eu venho/ poder ter algo a dizer sobre o que eu já consegui ver/ cada um, cada um*".

Érika Martins participa de *Música de Amor*, que é uma canção literalmente compartilhada dela com Gabriel Thomaz. Está tanto no *Nada Pode Parar Os Autoramas*, quanto no disco solo de estreia dela – disco esse que é excelente. Mas se Érika é puro luxo, o mesmo não dá para dizer de Frejat em *Sonhador*. Péssima interpretação. *Gente Boa* e *Samba Rock do Bacalhau* são as inéditas obrigatórias. A segunda pode virar um hit de show, um momento para descontrair. A primeira vai exigir algum trabalho de Gabriel Thomaz para que ela longa carreira.

MTV Apresenta Autoramas Desplugado pode ser baixado gratuitamente no site da Trama Virtual. Está esperando o quê?

* Todas as resenhas foram escritas por Djenane Arraes

O Garfo

Rock instrumental é quase como ouvir chorinho com vocal. Só sendo muito bem feito para despertar alguma atenção, pelo menos de forma positiva. No Brasil há, pelo menos, dois representantes do rock instrumental da nova geração que são não tem problema com o falatório pela qualidade: é a Macaco Boing, no Mato Grosso, e O Garfo, no Ceará. A segunda banda lançou o EP, *Epizod*, no início do segundo semestre deste ano. São cinco músicas que passeiam por diversas vertentes. Tem referências ao hard rock e do punk, por exemplo, mas há eletrônica. Uma banda boa para se ter como referência do estilo da Garfo é a britânica The Raptures. A faixa de abertura, *Alpa Tino*, sintetiza essa idéia. A sonoridade é boa tanto para criar um ambiente em casa, quanto numa boate. Pode-se dizer, inclusive, que é uma grande trilha sonora de jogos eletrônicos, como aqueles de corrida de rua. Assim seguem *Gin Gym*, *Hard Clichê* e *Midi Sina*. Por incrível que pareça, quando eles inserem em *Medium* alguns vocais com muita distorção, existe um choque. É que você se desacostuma com a voz, por isso há um estranhamento. Ao passo que se ouvir a última faixa como sendo a primeira, a sensação desaparece.

Maurício Marques

Milongaço foi uma grata surpresa que chegou a "redação do Elebu" – leia-se no meu e-mail – aos 45 minutos do segundo tempo. Trata-se de um belo disco solo de Maurício Marques, que também integra o Quarteto Maogani. Marques conduz o seu violão de oito cordas com a desenvoltura e equilíbrio de poucos. Se por um lado sua técnica é de um apuro assombroso, por outro, a virtuose é contida, não atrapalha a música. Em outras palavras, marques desenvolveu um trabalho de pesquisa de ritmos do Sul para as pessoas apreciarem, não para o seu ego. Destaques para a faixa título, *Chotstrot* e *Serenata*. A primeira suavidade de um som capaz de agradar em qualquer lugar. A outras por trazerem o acordeom de Luciano Maia, que emprestou a essas músicas algo meio argentino, forte, mas de uma melodia fora de série. *Milongaço* é um Senhor disco, com letra maiúscula.

Mallu Magalhães

Primeiro é preciso falar as coisas justas a respeito de *Shine Yellow*, segundo disco homônimo de Mallu Magalhães. É uma tremenda produção assinada por Kassin. É preciso dar a mão a palmatória ou chamá-lo de gênio. É o melhor do segundo disco de carreira de Mallu Magalhães. Digo isso sem querer desmerecer a jovem de 17 anos, namorada do maduro Marcelo Camelo. Óbvio que ela tem boas idéias e começa a crescer no papel de compositora, tanto que neste disco mostra grande evolução. Agora existe alguma lógica nas letras, se levado o trabalho anterior como ponto de comparação. O primeiro sucesso, *J1*, por exemplo, a coisa mais inteligente era o "pá pá pá". Nesse sentido, não é mais possível sacanear a adolescente. Mas (imagine o dedo indicador apontado para cima em sinal enfático), Mallu continua uma péssima como intérprete de si mesma (e dos outros também). Como se cantar arrastado e pelo nariz fosse "característica".

Cria-se um conflito dentro deste segundo disco homônimo. Se por um lado há sim letras bacanas, ótimos arranjos e uma produção sensacional assinada por Kassin, Mallu ao microfone põe quase tudo a perder. Agora existe um ponto bacana que ela deixa claro nestre trabalho: mostra que não é mais um produto de internet, do Myspace. Mallu incorporou a indústria fonográfica, no caso a Sony Music, e a usa em seu favor. É legal se assumir como um grande produto (uma definição que não necessariamente diminui o valor artístico), que tem estrutura, equipe, planos e organização. São boas coisas que passaram muito tempo sendo demonizadas pelos indies – o argumento ganhou muita força com a crise fonográfica que atravessou a década que se encerra. O problema foi o quadro de empobrecimento estético e artístico como resultado. Mallu não. Faz o caminho inverso e abre novas perspectivas para discussão com o seu segundo disco. Um viva a Mallu e a seu ótimo trabalho. Só não a deixe se aproximar do microfone.

Daniela Mercury

Olha, sei que a mera citação de qualquer disco da Daniela Mercury pode causar estranhamentos por grande parte dos leitores e assinantes do Elebu. Mas o negócio é que *Canibália* merece algumas observações. Não é um trabalho ruim e está a anos luz de todas as produções sob benção do axé baiano, que inclui todos os discos de Ivete Sangalo. O legal é que Daniela Mercury parece estar mesmo em busca de uma nova estética, sem trair aquela que a consagrou. Ela conseguiu alguns sucessos, como o dueto com Carmem Miranda em *O Que É que a Baiana Tem?*, de Dorival Caymmi. Ficou bom! De verdade. Claro que existe aquela velha história de disco de axé querer fazer estudo antropológico, no caso com mistura de raças. Fora esse detalhe, Canibália é um produto muito interessante que traz uma Daniela Mercury em forma como intérprete.

Norah Jones

Qual é da Norah Jones eu não sei. A cada disco que faz, mais desinteressante fica. Agora ela largou o piano e aderiu a guitarra e o violão. Até aí, respeita-se, apesar de achar que ela é uma pianista jazzy muito bacana. O que não dá para engolir é a monotonia que emprega ao disco como um todo. O significado de *The Fall* parece dizer respeito muito mais a uma queda (de criatividade, de produção, de tesão) do que a melancolia embaçada do outono. Saia fora dessa, ou escute *Don't Know Why* até cansar.

Nouvelle Vague

O que era interessante no Nouvelle Vague era adaptar clássicos do punk dentro de ritmos caribenhos, do jazz latino dos anos 60 e a bossa nova. Foram muito bem sucedidos nos dois primeiros disco, quando criaram uma sonoridade sofisticada, elegante. Em *3*, eles mudaram a fórmula. Veja bem, buscar coisas diferentes faz bem para a saúde de qualquer banda ou projeto. Agora se vai dar certo é outra história. Pois bem, o Nouvelle Vague buscou no country a base de inspiração para clássicos, agora também, indies, como *Blister in The Sun* (Violent Fammes). Aproveito para informar que a música em questão é a melhor do disco. Todo o resto agora passou a soar desinteressante. Até porque a distância do country com o indie é muito menor do que em relação ao jazz (latino ou não). Dá sono, em outras palavras, e é irritante. Outra mudança que não ficou boa foi a redução ainda maior das vozes masculinas, que em *3* resume-se a alguns duetos com cantoras de Martin Gore (Depeche Mode) em *Master & Servent*, e Ian McCulluch (Echo and the Bunnyman) em *All My Collors*, além de mais alguns outros poucos backins. Em outras palavras, 3 soa como um passo ou dois para trás em relação ao elogiadíssimo *Bande à Part* (2006). É melhor curtir a belíssima versão de Don't Go (que dá um banho na versão original da Yazoo), na linda voz de Gerald Toto.

10 boas velhas músicas do indie brasileiro que pouca gente deve ter escutado:

- *Danizinha* (Flu)
- *Bossa Bit* (William Breadman)
- *Até a Hora de Parar* (Acústicos e Valvulados)
- *Não Contavam Com Os Pistoleiros* (Os pistoleiros)
- *Interlagos 75* (Sala Especial)
- *120* (Netunos)
- *Amigo* (Latuya)
- *Meus Limites* (Nervoso)
- *Outra Cidade* (Momento 68)
- *Quem se Importa?* (Daca)

OBMJ

Rapaz, que coisa bacana é a Orquestra Brasileira de Música Jamaicana (OBMJ). Há um EP disponível para download gratuito que vale muito a pena baixar porque você vai armazenar algo de boa qualidade nos seus meios eletrônicos de comunicação ou qualquer coisa assim. Bom, são nove homens envolvidos neste projeto, entre eles o queridíssimo Lulu Camargo. Mas a OBMJ foi idealizada pelo produtor Sérgio Soffiatti (que também é guitarrista) e o trompetista Felippe Pipeta. Do que se trata? Bom, imagine se a histórica Skatalites (influência declarada) resolvesse tocar clássicos da MPB e da bossa nova? Com a OBMJ é possível escutar o barato que surgiria daí. Eu nunca pensei que teria vontade de levantar e dançar *Carinhoso* – com direito a "tcha tcha tcha" no final. Mais inusitado ainda: esses nove elementos deixaram a sisuda *O Guarani* (de Carlos Gomes), leve e despojada. *Águas de Março* ganhou duas versões e não dá para escolher qual é a melhor. Coisa de louco!

Aerocirco

Ótimo o single *Faz de Conta*, da Aerocirco. Aliás, o quarteto de Florianópolis está cada vez melhor no seu som. Vejo que a banda é muito bem resolvida dentro do chamado pop/rock bom para tocar em rádio. Não entenda isso como um demérito (os indie-chatos torceriam o nariz só em ler a frase). As pessoas precisam entender que música com apelo comercial não é sinônimo de produto ruim. E a Aerocirco está aí para provar tal teoria. *Faz de Conta* tem refrão, tem energia, tem pegada. O single em questão não deve nada aos hits do Skank, por exemplo, para citar um nome de respeito. Outro grande mérito é a boa produção. Vê-se que é um trabalho muito bem gravado e finalizado. Show de bola, moçada. *Faz de Conta* é o aperitivo do disco programado para sair no primeiro semestre de 2010.

Rodrigo Daca

O velho Rodrigo Daca mandou muito bem com o single de *Toma Impulso*. Esta faz parte do EP *Mundo Novo*. Não é música que vá surpreender quem conhece e acompanha a batalha de Daca nesse mundo independente do rock nacional. Essas pessoas vão logo identificar o estilo, o gosto pelos vocais bem trabalhados, levemente alterados, pela psicodelia característica, e porque é rock. É bom lembrar também da mão mágica de Eduardo Xuxu (Pipodélica) neste trabalho. Em outras palavras, *Toma Impulso* é música que se ouve com atenção. Daca, um compositor diferenciado, também está cada vez melhor no papel e caneta. "*Toma impulso/ corre para ter meu abraço/ que o teu suspirar agora é meu também*". Mundo Novo ainda traz a melancolia de *Há Dias*. "*Ah se eu soubesse o que estava por vir/ eu quis o teu melhor/ e mesmo assim eu me perdi*". Nessa canção o que marca é a guitarra, cujo arranjo dialoga com a letra. O Daca deixou melhor resolvido aqui o que John Ulhoa tentou, mas não conseguiu, em *Perdendo os Dentes*: transformar o solo da guitarra em refrão.

Navegadores do Deserto

Não é gozação, nem sacanagem, mas quando ouvi os vocais de Luciano Schultz, da Navegadores do Deserto, lembrei do Tico Santa Cruz, da Detonautas. Tem alguma semelhança. O single em questão foi *A Todo Vapor*, que faz parte do primeiro disco da banda, *Entre o Céu e a Terra*. Trata-se de um trio que vem de Ijuí (RS). Ao passo que essa moçada tem talento, toca legal, ainda precisa amadurecer na construção das letras e nos arranjos. "*Não existe sonho/ que não se possa sonhar/ eu já dei tudo/ tudo que eu podia te dar...*". Hum.

DNA/ Zona Tribal

A Blast Records apresentou alguns de seus artistas dia desses. Entre as bandas, duas tem um trabalho interessante. A primeira é a Different Nations Altogether (DNA), do brasileiro radicado no Japão Robert Regonati. O som é o pop/rock bem aceito em qualquer parte do mundo. Bem verdade que os caras não apresentam nada original, mas a música é bem resolvida e produzida. Vale a pena conhecer. A outra banda apresentada que merece destaque é a amazonense Zona Tribal. Rock vigoroso dos bons, com contestação. A banda existe faz algum tempo e faz sucesso por lá. Judiação que seja tão complicado uma banda do Norte brasileiro chegar até o Centro-Sul. A Zona Tribal deixa nada a desejar.

Antonio Rossa

Antonio Rossa é um antigo militante da cena independente de Florianópolis. Aliás, não apenas divulgava as bandas de lá, como também era conhecido por ser um baita jornalista. Agora ele passa a participar deste universo como músico. É interessante porque traz a história de que o crítico é um músico frustrado, ou o que não consegue desenvolver um trabalho interessante suficiente, por isso se refugia nos textos. Bem verdade que esse pensamento é uma baita idiotice, desculpa de emburrados que receberam críticas ruins. De qualquer forma, tai o Antonio Rossa para ser mais um exemplo, entre dezenas, de que jornalistas e críticos também podem ser bons músicos. Lançou não faz muito tempo o EP *Nuvem*, com cinco canções, todas disponíveis no MySpace de Rossa. O estilo tem influência no country/rock, com letras otimistas, alegres. Existe até certo traço gospel nele, mas nada muito significativo a ponto de caracterizá-lo como tal. *Nuvem* é um bom EP, gostoso de ouvir em seu conjunto.

Narciso Nada

Agora é sobre a Narciso Nada (PR) e o seu EP homônimo com seis faixas. Essa segue a linha alternativa da Força, ops, da cena indie. Logo é preciso escutar esse quarteto sem o parâmetro radiofônico. Pescou a informação? Ótimo. Não que ela seja fundamental ou que a banda precise disso, mas a minha função aqui é facilitar as coisas. De qualquer forma, a Narciso Nada é surpreendente. Muito boa mesmo. Rodrigo Cuiabá tem o jeito de quem pode brincar com a voz como bem entender, que vai ficar legal. Isso sem falar na qualidade dos outros meninos (Bê, Manoel Santos e Allan Yokohama) que fazem seus instrumentos acompanharem com eficiência a viagem de Rodrigo nas canções. Na página do MySpace da banda é possível escutar todo o EP e também um trabalho anterior. Primeiro, percebe-se uma grande evolução de um para outro (apesar da qualidade ruim do som no MySpace). Segundo, percebe-se unidade e coerência no trabalho da Narciso Nada. A faixa mais legal é *Necessidade*: complicada de entender na letra, porém é uma curtição só ouvi-la. É como se Rodrigo narrasse uma história e o instrumental garantisse o peso da dramaticidade. Muito bem bolada.

onde encontrar as bandas

www.myspace.com/narcisonada
www.blastrecords.com.br
www.dacavolumeum.blogspot.com/
www.myspace.com/antoniorossaoficial
www.myspace.com/aerocircooficial
www.navegadoresdodeserto.com.br
http://scubidu.bandcamp.com/album/obmj-orquestra-brasileira-de-m-sica-jamaicana
www.myspace.com/ogarfo
www.mauriciomarques.com

histórias de chico

Chico Buarque nunca fez música pensando na filha do general Geisel. Ainda assim, os versos "você não gosta de mim/mas a sua filha gosta" acabaram estigmatizados como tal. Coisas de uma época em que se pensava que muitas das letras do cantor de belos olhos eram críticas, ataques subliminares a ditadura militar. Essa é uma das coisas que Wagner Homem desmistifica em *Chico Buarque: Histórias de Canções*.

É verdade que Chico teve a sua cota de músicas políticas, mas é preciso levar em consideração o trabalho de alguém que buscava, antes de tudo, uma boa poesia, produzir algo bem escrito. Isso é enfatizado por Wagner Homem logo na introdução. Antes de mais nada, até pela facilidade e estímulo que tinha dentro de casa, Chico sempre achou que fosse ser escritor. Suas primeiras produções são de crônicas e contos, não canções. O que aconteceu é que ele foi seduzido por um moço chamado João Gilberto e sua batida inconfundível. Depois, é preciso levar em consideração que a distância mais curta entre a poesia e a massa era por meio música.

O marco zero de Chico Buarque foi *Tem Mais Samba* (1964), feita sob encomenda para o espetáculo Balanço de Orfeu. Diz: "*Tem mais samba no encontro que se espera/ tem mais samba a maldade que a ferida/ tem mais samba no porto que na vela*", e por aí vai. Interessante é que hoje a impressão que se tem é que essa letra foi "homenageada" das mais diversas formas.

Pedro Pedreiro (1965) foi considerada "a" música. É uma das mais importantes da carreira do compositor pelo impacto e por seu ineditismo. "Quando fiz Pedro Pedreiro, tive a sensação de que pela primeira vez estava compondo uma música realmente minha, que já não era mais imitação de bossa nova. Daí a diante, as coisas começaram a acontecer", disse Chico a Almir Chediak, como cita Wagner Homem.

A última música comentada é *Subúrbio* (2006). O comentário em relação a ela é objetivo, frio, sem muitas "notas". Com todo respeito ao gênio que é Chico Buarque, não para estranhar em uma letra que se fosse credenciada a Fernanda Abreu, daria na mesma. O livro ainda é bem ilustrado, traz uma cronologia e 133 canções comentadas. Trata-se de uma excelente aquisição que diz respeito a todo gostam de música brasileira. (D.A)

samba de only

(*Toquinho, Chico Buarque, Vinicius de Moraes*)

Vai, meu irmão
Pega esse avião
Você tem razão
De correr assim
Desse frio
Mas beija
O meu Rio de Janeiro
Antes que um aventureiro
Lance mão

Pede perdão
Pela duração (pela omissão)*
Dessa temporada (um tanto forçada)*
Mas não diga nada
Que me viu chorando
E pros da pesada
Diz que eu vou levando
Vê como é que anda
Aquela vida à toa
E se puder me manda
Uma notícia boa

**versos originais vetados pela censura*

"*Um dia antes de voltar da Itália para o Brasil, em novembro de 1969, Toquinho deixou o tema com o parceiro [Chico Buarque], que na mesma hora fez os versos finais: "Vê como é que anda/ Aquela vida à toa/ E se puder me manda/ Uma notícia boa". Quando, tempos depois, Chico mostrou a letra completa, estava por perto do ciumento Vinicius de Moraes, que disse ela ser branda para expressar todas as agruras do tempo vivido no exílio, e propôs substituir "pede perdão pela duração dessa temporada" por "pede perdão pela omissão um tanto forçada". Os autores concordaram, mas a censura não. Os versos do Poetinha foram proibidos, mas a parceria ficou.*

Na verdade, Toquinho partiriado Aeroporto de Fiumicino, em Roma. Porém, como se tratava de um nome desconhecido e Paris era uma cidade povoada de exilados brasileiros. O nome ficou sendo "Samba de Only", o aeroporto da capital francesa".

cash em hq

Biografia em quadrinhos não costuma funcionar! Pelo menos não com o propósito clássico que uma grande reportagem, que seria aprofundar-se na vida de uma pessoa. Se em *Chico Xavier em Quadrinhos – A Vida do Grande Espírita Brasileiro*, de Franco da Rosa, comecei a desconfiar disso, em *Cash, Uma Biografia*, de Reinhard Kleist, passei a ter certeza.

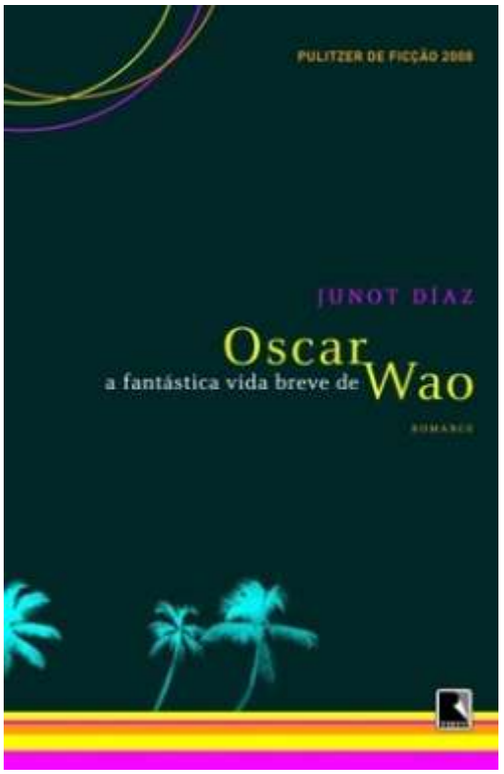
Claro que há livros em quadrinhos considerados clássicos, como *Persepolis*, de Marjane Strapi. Mas trata-se da autobiografia de uma pessoa que não era figura pública. Assim acontece com vários outros autores de obras que hoje figuram na lista das mais importantes em HQ. Biografia, no entanto, como grande reportagem, não há uma que seja satisfatória.

Fosse olhar apenas a composição artística, o alemão Reinhard Kleist fez um trabalho formidável em *Cash*. Seu traço é belíssimo, e ficou ainda mais valorizado com a opção por trabalhar em preto e branco. Seu trabalho de pesquisa também tem tiradas brilhantes. A idéia de colocar Glen Sherley – que cumpriu pena em Folsom e teve uma música gravada por Johnny Cash – foi ótima. Tal como "dramatizar" algumas letras. A relação entre ele e June Carter tinha algo de doce, na visão de Kleist, mas não era romântica necessariamente, o que faz um contraponto com o filme *Johhny e June*, de James Mangold.

O problema é que a própria natureza da narrativa elíptica dos quadrinhos não permite certos detalhamentos, o que obriga o leitor a interpretar e a preencher os espaços deixados entre uma ação e outra. Em uma história normal, isso é excelente, mas em uma biografia, não! No caso de Kleist existe o agravante dele ter optado por fazer espaçamentos de tempo maiores, que provoca a sensação de superficialidade. A fonte usada para os balões foi outra escolha infeliz. Pequena demais, o que dificulta a leitura e ainda provoca preguiça.

Cash, Uma Biografia é o tipo do trabalho que vale mais a pena ter pelo valor artístico e por algumas soluções narrativas do que pelo apuro na pesquisa. Falhou justo no propósito de uma biografia que é deixar o menor número de lacunas possível. (D.A)

A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao



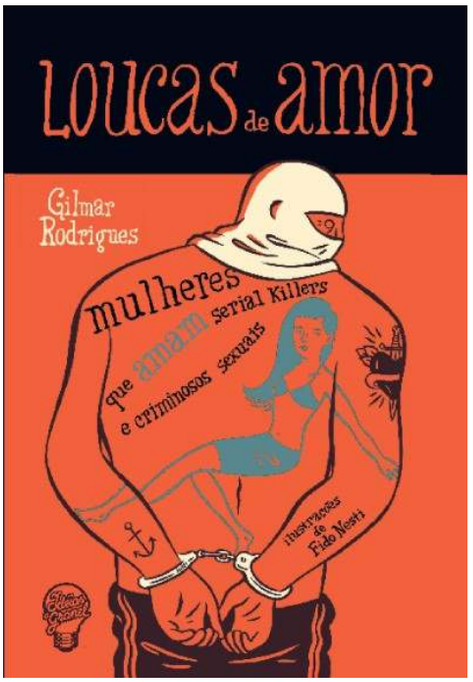
Dizem que o nerd está na moda. O que há de estilistas, produções televisivas, cinematográficas e até sites oportunistas lucrando com o rótulo não é brincadeira. Por conseqüência, além dos "punks de butique", agora existe o "nerd de butique". Tudo termina por ser vulgarizado nesse mundinho, até as coisas mais banais.

Ao desavisados, um pequeno esclarecimento: o que melhor simboliza um nerd não é um menino bonitinho de cabelo desalinhado que adora falar sobre quadrinhos, tem vasto conhecimento de cultura inútil e pais ricos judeus de *O.C.* Em outras palavras, não é o Adam Brody que vai pra cama com a Rachel Bilson na tela da televisão.

Nerd não tem rosto, posição social ou capacidade intelectual privilegiada. Há pessoas que assim são taxadas por causa de inabilidade social ou mesmo porque encontram na cultura pop o refúgio pela rejeição de um grupo, ou vários deles. O glamour é zero. É por aí que passa *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*, de Junot Diaz. Em comum com os exemplares televisivos, o personagem natural de Santo Domingo é fã de cultura pop. Diferente de tantos, ele faz dessa paixão uma forma para não ficar isolado por completo.

É verdade que Oscar é gordinho e, segundo descrições de Junot, repugnante, mas a história da vida dele é tão fantástica quanto insinua o título do livro. Afinal, Oscar é um sobrevivente da ditadura em Santo Domingo e do preconceito em Nova Jersey. Viveu quase como a nossa Macabea no sentido de que o dominicano ficcional é um baita perdedor. Junot, contudo, usa de uma narração direta e dinâmica para contar sua história. E vale fazer uma nota especial a respeito da habilidade do escritor, também natural de Santo Domingo: por esse livro, ele recebeu o Pulitzer de Ficção 2008. Merecido.(D.A)

Loucas de Amor



Gilmar Rodrigues, que entre outras coisas ainda foi o responsável pela edição da revista Dundum, é desses pouco jornalistas com capacidade de se chocar. Ele ficou impressionado quando soube que Francisco de Assis Pereira – o Maníaco do Parque – recebia dezenas de cartas de amor. Foi quando decidiu correr atrás e pesquisar sobre essas mulheres que seriam capazes de amar, no sentido mais romântico da palavra, um assassino estuprador em série. O resultado de quatro anos de pesquisa e redação (mais quatro para conseguir lançar o projeto) veio em forma do excelente *Loucas de Amor: Mulheres que Amam Serial Killers e Criminosos Sexuais*.

Nele, Gilmar publica várias cartas dessas mulheres, depoimentos dos próprios condenados e ainda a carta de confissão do próprio Maníaco do Parque. São leituras que hora despertam nojo, hora indignação. O que é mais impressionante é que isso não é coisa de mulher sem instrução e pobre. Acontece independente de classe social. As explicações variam: baixa idade emocional, baixa-estima, tara que se transforma em uma patologia, etc.

A narrativa de Gilmar é leve e ágil. Tem que ser, porque o tema é o exato oposto. Entre os capítulos, existem pequenas histórias em quadrinhos desenhadas por Fido Nesti, onde Gilmar conta um pouco de como foi sua pesquisa de campo. A integração do texto do jornalista com o traço de Nesti é um grande adicional para um livro cujo conteúdo é excelente. Os dois devem lançar em 2010 aversão em HQ de *Loucas de Amor*. Quem disse que da cultura pop não pode gerar conteúdo sério? (D.A)

super-sobreviven

SmallVille sobrevive ao limbo dos seriados e, por incrível que pareça, entra na melhor fase de sua longa história

Smallville é um exemplo a todas as séries que "heróis". Quando a coisa ia de mal a pior, os produtores demitiram aqueles que julgavam ser a causa do problema (nem que estes fossem os próprios criadores da série – que comandavam o roteiro como ditadores) e colocaram no lugar gente entusiasmada, disposta a reverter o placar. Isso aconteceu na 8ª temporada. Apesar de irregular, ela foi muito importante para que a trama pudesse ser arrumada a ponto de sobreviver para a seguinte. E não apenas isso. Smallville se dispôs da boa qualidade de roteiros e produção para recuperar audiência, mesmo transmitida no limbo da sexta-feira (quando passa as séries supostamente condenadas). Agora fala-se até em renovação.

De qualquer maneira, Smallville é hoje a mais longa entre as séries de "super-heróis" e das baseadas em HQs. A proeza, contudo, não chega a ser tão surpreendente assim. É que o mito do Super-Homem pode não funcionar muito bem nos cinemas, mas, na televisão, a franquia é muito bem sucedida. São 23 temporadas somadas às quatro séries produzidas sobre a vida do kriptoniano.

A primeira, *As Aventuras do Super-Homem* (1952-56), foi marcada por troca de atores nos dois personagens principais: Clark Kent e Lois Lane. Era a era de prata das HQs nos Estados Unidos, quando a produção de super-heróis não atraia tanto quanto na década anterior, mas ainda não havia decaído suficiente para abrir espaço às produções alternativas que surgiriam a partir da contracultura nos anos 1960. Ela estabelece a linha clássica, com Clark Kent adulto começando o seu trabalho no jornal Planeta Diário, onde encontra Lois Lane. A jornalista era o reflexo do papel feminino daquela época: moça à frente do seu tempo por trabalhar fora, mas que se preocupava mais em descobrir a identidade secreta do super-herói (por ser uma moça apaixonada), do que desempenhar sua profissão.

Superboy (1988-92) sofreu influência direta dos filmes da década de 1980. Pudera, uma vez que os produtores eram os mesmos. Ou seja, contava com Lex Luthor caricato e bobalhão tal como o do cinema, um ator canastrão vestindo a capa vermelha e Lana Lang – esta tão irritante quando a de Kristin Kreuk, porém bem menos atraente. Enfim, era uma produção barata e boboca que surpreende por ter durado tanto tempo.

No ano seguinte, o canal ABC produziu a hoje clássica *Lois & Clark – The New Adventures of Superman* (1993-97), estrelada por Dean Cain e Teri Hatcher, até então, o melhor casal da franquia. Essa série trouxe algumas mudanças significativas. Primeiro porque apresentou um Clark Kent sensível, porém sexy e moreno (!). Em segundo lugar, marcou uma virada na personalidade de Lois Lane, muito por mérito do desempenho de Teri Hatcher. Oras, a eterna namorada do Homem de Aço carregava o ranço de mulher irritante. Culpa de Margot Kidder, a Lois dos filmes da década de 1980. Hatcher preservou a independência e determinação da jornalista (além da incrível capacidade em se meter em encrencas), e ainda a transformou em um ser humano agradável.

A Lois de Hatcher fez a segunda melhor Lois Lane da história. É superada apenas pela atriz canadense Erica Durance, de Smallville. Esse é justo um dos trunfos pelo crescimento da atual série. Não dela, em específico, mas dos atores principais. Se há quatro anos, a única do elenco que conseguia atuar bem era Allison Mack (Chloe Sullivan), hoje todos estão mais nivelados (Tom Welling foi de robótico a razoável, um avanço e tanto). Durance é destacada aqui por ser aquela que mais cresceu e, por seguinte, tomou a personagem para si. Claro, os produtores eliminaram quem não dava certo. Kristin Kreuk pode ser um rosto lindo, mas sua Lana Lang motivava declarações de ódio por parte da maioria das pessoas. Não é simples implicância, mas os piores episódios da 8ª temporada foram aqueles que a atriz apareceu.

Ainda há mais um fator por Smallville durar tanto: a parte o universo próprio, a coisa só foi ficar boa de verdade quando ele se aproximou da HQ. Daí mostrou porque a mitologia do Super-Homem é tão bem-sucedida na televisão: é a que melhor consegue conciliar muita pancadaria com uma bela história de amor. (D.A)

te

Djenane Arraes

Imagine se os Power Rangers: fossem ingleses, deliquentes, drogados e condenados a serviços comunitários (e usassem uniforme laranja de gari), fizessem muito sexo, falassem muitos palavrões, brigassem (diferente de lutar), gostassem de boa música, e tivessem se unido em torno de um pacto para cobrir o assassinato que cometeram (em legítima defesa)? Então eles seriam os cinco jovens da série britânica *Misfits*, criada por Howard Overman.

Bem diferente de serem convocados pela entidade interplanetária Zordon, os personagens britânicos se conheceram cumprido pena de serviços comunitários devido aos mais diferentes tipos de pequenos crimes. A maior parte deles por causa de puros e simples atos de delinqüência. Daí entram dirigir embriagado, briga de rua, danos a uma lanchonete, compra de cocaína e por aí vai. Logo no primeiro dia de cumprimento da pena, os cinco são atingidos por uma tempestade bizarra e, a partir daí, ganham superpoderes. Ou algo parecido.

O "líder" é o imortal Nathan Young (Robert Sheeran). Até onde pode-se supor, uma vez que a história ainda não é clara sobre o passado de cada um, é que Nathan tem pais divorciados, sendo que o pai não é uma pessoa bem-vinda e a mãe não aguenta mais seus pequenos atos de vandalismo e ciúmes com os namorados que arruma. É verdade que o último vira um cachorro (é sério) devido a tempestade, mas ela gosta dele mesmo assim. Por essas é que Nathan decidiu morar no Centro Comunitário como um perfeito "sem teto".

A pessoa mais próxima do líder é Kelly (Lauren Socha), a telepata. Apesar de brigar na rua, é a pessoa mais equilibrada dos cinco, pelo menos, até onde isso é possível. Há o casal Curtis Donovan (Nathan Stewart Jarrett) e Alisha Bailey (Antonia Thomas), que passou a ser chamado assim no Centro Comunitário. Ele era uma aposta para o atletismo olímpico de 2012 até ser banido do esporte por dopping (cocaína). É o que aparenta ser o

power rangers?

Série britânica elogiada pela crítica faz sucesso ao construir a saga de cinco super heróis infratores e com pouco senso moral

que tem melhor estrutura financeira. Ela dirigia embriagada! O namoro dos dois é inusitado, uma vez que eles não podem se tocar por causa dos poderes que Alisha desenvolveu. Vamos dizer que ela desperta desejo sexual incontrolável em quem tocar a sua pele. Curtis pode voltar ao passado para modificar situações pontuais.

Por último, há Simon Bellamy (Iwan Rheon), este sim um elemento estranho. Nerd não é uma boa definição para esse sujeito, embora exista algumas aproximações. Simon é um sujeito anti-social e inteligente demais para se encaixar no convivo dos demais. Ainda assim, por considerá-los os únicos amigos que tem, é capaz de tudo por eles, inclusive matar.

Interessante da série Misfits é que ela se apropria de argumentos usados em diversas outras séries, incluindo os próprios Power Rangers, para desenvolver uma história muito mais palatável e mundana. Está nesta palavra, mundana, o segredo do porque Misfits é tão mais interessante do que todas as suas similares: não há heroísmo ou mensagens moralistas. O lance é que esses cinco personagens continuam a viver conforme suas convicções, não importam se agradam ou não a sociedade. Vão além disso. Defendem em discursos emocionados e épicos que o jovem tem mesmo é que viver de forma desajustada e só pensar em se corrigir depois dos 30 anos. É justo esse ponto que despertou elogios da crítica por todo globo.

Agora, alguns alertas são sempre bem-vindos. Misfits traz cenas de sexo e masturbação que não são explícitas, mas chegam próximas a isso. Há nudez, muitos palavrões e algumas coisas bem pornográficas. Tem tudo para deixar o Conselho de Pais Americanos – associação de ideologia ultra-conservadora que elegia BTVS a pior série para a família enquanto ela foi produzida – de cabelos em pé e querer banir Misfits da Televisão. Bom, se for olhar por este ângulo... pode assistir sem medo, que a diversão é garantida.

estação caótica

Rúbia Cunha

Tempo atrás, um filme de baixo orçamento (U$ 11 mil), começou a ser exibido em raríssimas apresentações dos festivais de cinema. O marketing do filme foi baseado na reação do público diante do que viam na tela e em poucas cenas chaves. Para que o filme *Atividade Paranormal* fosse lançado em âmbito nacional nos Estados Unidos, era necessário que a *Paramount* conseguisse atingir uma cota de um milhão de pedidos, que graças ao Twitter e o Facebook, ou a famosa propaganda boca a boca, tal cota foi alcançada em quatro dias.

Claro que a empresa, diante desta reação, investiu novamente na internet em uma forma inédita para ver em quais lugares ela poderia fazer o lançamento. Era inaugurada então, a campanha para a adesão de pedidos em âmbito mundial. A curiosidade, desta mera mortal, disparou e implorou para que o filme viesse parar nas terras tupiniquins. Cheguei a participar da campanha lançada na internet e fiquei muito tempo xingando o horário que o filme estava sendo exibido. Há de convir, que para quem trabalha nos fins de semana durante a madrugada, era quase que uma missão impossível ver o filme no horário da meia noite.

Estava até armando um esquema para convencer o meu chefe de que eu precisava ir ao cinema urgente. Pensei em um milhão de desculpas e quando chegou o dia de botar à prova a minha lábia de vendedora, eis que a televisão anunciou a estréia, aquilo que mais queria. Mudanças de estratégia e datas remarcadas; resolvi pegar a última sessão do *Cinemark* para ver o filme que tinha sido descoberto e comprado pelo Spielberg e que foi beneficiado como lançamento para outono pela Paramount, só pelo fato dela ter adiado o lançamento do *Shutter Island*, de Martin Scorsese, para fevereiro de 2010.

A produção ao estilo *Bruxa de Blair*, acaba por levar muitos engraçadinhos ao cinema. Conversa e mais conversas, podem acabar irritando quem realmente está ali para ver o filme. Mas nem eu mesma me contive em falar baixinho. Por várias vezes, soltei frases de incredulidade com a reação do Micah Sloat (namorado da Katie Featherstone) e cheguei a pensar se as pessoas estavam conversando por conta de parecer uma produção caseira, ao registrar os fenômenos paranormais na residência deles. Uma parte de mim crê que nada mais era do que uma forma do público quebrar a tensão que crescia, diminuindo os arrepios que tomavam conta deles. Gritos fininhos das mulheres, a cada atividade paranormal, acabaram por tornar o filme uma grande comédia para mim. Claro que o melhor fica reservado ao namorado bufão e machista da pobre e coitada Katie.

A grande controvérsia que pode vir a surgir é do quanto àquilo que foi apresentado, pode ser realidade ou não. Pessoas que vivenciaram algo parecido levam o filme a sério, já os que nunca presenciaram algo, irão criticar e dizer que é perda de dinheiro ver isso no cinema. Para mim valeu a crise de riso gerada pela tensão com o desfecho do filme. As risadas por conta dos gritinhos e das pipocas lançadas ao ar devido aos sustos que as pessoas tomaram. Por cada momento que sorvi do verdadeiro conflito da temática. Pois devo ir mais uma vez, para pegar uma sessão mais calma e sem muita molecada.

Fica a dica: Não vejam o trailer, antes de ver o filme.

crédito na destruição

Não sei por que tanta gente falou mal de *2012*, de Roland Emmerich. Achei uma baita produção com uma história das mais realistas. Sem sacanagem. Que fala mal desse tipo de filme é o "cinechato", ou seja, categoria que predomina no jornalismo brasileiro. Se olhar por outro ângulo, *2012* trouxe uma das histórias mais divertidas para as telas em 2009 e também o mais subestimado.

Primeiro ponto. Ninguém parou para escutar as palavras do diretor Emmerich. Ele disse que faz filme para entreter, além de ser um maluco que de fato acredita que o apocalipse é um dia vermelho marcado no calendário. Mas é um cara bem-intencionado. Em sua filmografia consta, por exemplo, *Stargate* (1994). Quem vai negar que aquele foi um filme decente? Essa história de portal que te leva a outras dimensões fez escola e virou um monte de seriados. Uns três sobre o mesmo assunto.

O que dizer de *O Dia Depois de Amanhã*? Ninguém fez filme bacana de aquecimento global. Só ele e o Al Gore. Porque o resto a gente vê na televisão todo santo dia. E para finalizar, é preciso respeitar um diretor que convence os estúdios a colocar uma bolada de dinheiro para que ele possa rir da cara dessas pessoas ao entregar filmes terríveis (como *Godzilla*). Emmerich tem ainda coragem de resgatar um monte de atores ou fracassados ou no ostracismo para serem os protagonistas. Esse sujeito é um gênio.

Em 2012, ele chamou o sem-sal canastrão John Cusack como ator principal. Deu uma graninha pro Danny Glover e pro Woody Harrelson (que só sabe fazer papel de maluco). Ou seja, Emmerich ainda é gente boa. Outras coisas interessantes do diretor que aparece no filme: ele gosta de cena de cachorro, de destruição de metrópoles, de atores negros, de contagens regressivas e de cientistas que descobrem os eventos mais absurdos com teorias mirabolantes sempre quando é tarde demais.

Existem mensagens subliminares interessantes por trás de toda a destruição. Por exemplo: americano pode até ser metido a herói, mas é burro. O governo americano é desumano e na hora do aperto, vira ditadura. Os chineses são frios e tem coração de pedra, mas os tibetanos são ótimos. Ou seja, campanha do Tibete independente. A rainha da Inglaterra é sempre mais interessante que o presidente dos Estados Unidos, por isso, ela precisa sobreviver mesmo com quase 100 anos. E uma vez que os chineses são os novos vilões mundiais, resta aos russos o papel de alívio cômico. Quer mais? A Globo é a empresa de comunicação mais eficiente do mundo porque ela conseguiu grava o Rio de Janeiro ser devastado e ainda transmitiu isso para o mundo inteiro.

2012 é a maior diversão. Arrebatou cerca de 750 milhões de dólares e foi a quinta maior bilheteria do ano. É a enésima prova de que foi muito bem-sucedido como um produto direcionado para as massas. Cumpriu a sua função. Get lost cinechatos! (*D.A*)

melhores da década

Grande seleção das obras que foram destaques nesta década que abriu o Século 21, de acordo com a editora do Elefante Bu. Ou seja, uma opinião não-democrática e bastante egocêntrica. Mas são coisas de qualidade, de qualquer forma, e merecem uma conferida.

Discos nacionais

- *Toda Cura para Todo Mal* (2005) Pato Fu
- *Teletransporte* (2008) Autoramas
- *Cansei de Ser Sexy* (2006) Cansei de Ser Sexy
- *Ventura* (2003) Los Hermanos
- *Registro Sonoro Oficial* (2001) Vídeo Hits
- *Por Pouco* (2000) Mundo Livre S/A
- *Maré* (2008) Adriana Calcanhotto
- *Cachorro Grande* (2001) Cachorro Grande
- *Uma Batida Diferente* (2004) Bossacucanova
- *Wonkavision* (2004) Wonkavision

Discos internacionais

- *Casa* (2005) Natalia Lafourcade y La Forquetina
- *Is This It* (2001) The Strokes
- *Echoes* (2003) The Raptures
- *Beauty & Crime* (2007) Suzanne Vega
- *Bande a Part* (2005) Nouvelle Vague
- *Writer's Block* (2006) Peter, Bjorn and John
- *I'm Not Afraid Of You And I Will Beat Your Ass* (2006) Yo La Tengo
- *Franz Ferdinand* (2004) Franz Ferdinand
- *Challengers* (2007) The New Pornographers
- *Back to Black* (2006) Amy Winehouse

Livros

- *Noites Tropicais*, de Nelson Motta
- *Reparação*, de Ian McEwan
- *A Carta Esférica*, de Arturo Pérez-Reverte
- *As Incríveis Aventuras de Kavalier & Clay*, de Michael Chabon
- *Eu Não Sou Cachorro Não*, de Paulo Cesar de Araújo
- *A Fantástica Vida Breve de Oscar Wao*, de Junot Diaz
- *Songbook*, de Nick Hornby
- *Baudolino*, de Umberto Eco
- *O Projeto Lazarus*, de Aleksandar Hemon
- *Rádio Guerrilha: Rock e Resistência em Belgrado*, de Matthew Collin

Filmes

- Watchmen (2009)
- V de Vingança (2006)
- Kill Bill (2003/2004)
- Batman, Cavaleiro das Trevas (2008)
- Little Miss Sunshine (2006)
- Os Infiltrados (2006)
- Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças (2004)
- O Fabuloso Destino de Amelie Poulain (2001)
- O Senhor dos Anéis (a série)
- Dogville (2003)

Seriados de TV

- BTVS, de Joss Whedon
- Gilmore Girls, de Amy Sherman-Palladino
- House, de david Shore
- How I Met Your Mother, de Carter Bays e Graig Thomas
- Firefly, de Joss Whedon
- Misfits, de Howard Overman
- CSI, de Anthony Zuiker
- Lost, de J.J. Abrams
- Dexter, de James Manos
- Veronica Mars, de Rob Thomas

Quadrinhos

- *Novos X-Men*, de Grant Morrison
- *BTVS Season 8*, de Joss Whedon
- *Persepolis*, de Marjane Strapi
- *Retalhos*, de Craig Thompson
- *A Sombra das Duas Torres*, de Art Spiegelman
- *Grandes Astros: Superman*, de Grant Morrison
- *Área de Segurança Gorazde*, de Joe Sacco
- *A Liga Extraordinária Vol.3*, de Alan Moore
- *Eu Sou Legião*, de Fabien Nury
- *O Chinês Americano*, de Gene Luen Yang